

HELL DIVINE

ONLINE METAL MAGAZINE



CULTO AO METAL
DA MORTE

TASON ESTÁ
DE VOLTA!



E MAIS:

COMMAND6 + KAMALA + FROZEN AEON,
+ EDU NASCIMENTO (TATUADOR),
+ TREK (PRODUTOR MUSICAL),
+ RAFAEL TAVARES (ARTISTA GRÁFICO)

Helena Vale's

Soul Soella
Metal Opera

PROJETO AMBICIOSO
E DE SUCESSO





Reconheço. Nos últimos editoriais fui um pouco ranzinza e pessimista com algumas coisas, mas nada mais do que uma constatação da realidade que vivemos. É hora de uma pequena mudança e o momento atual é promissor! Primeiramente, por estarmos lançando mais uma edição, a de número doze e que, simbolicamente, completa dois anos de existência dessa revista! Estamos levando muita porrada no caminho, mas ainda estamos de pé, firmes e fortes! Dá muito orgulho e honra poder colocar no ar mais um trabalho feito por nós e que vem sendo recebido de braços abertos pelos bangers de todo Brasil – e de fora também! Para comemorar, trouxemos umas pequenas inovações no design e no conteúdo, como uma entrevista com o famoso tatuador Edu Nascimento, o renomado produtor musical Trek, o artista gráfico Rafael Tavares, além de matérias com as bandas Headhunter D.C., a volta triunfal do MX, Souspell, Command6, Frozen Aeon e Kamala. Como se não bastasse, fizemos um especial de vinte anos dos clássicos “Dehumanizer” do Black Sabbath e do “Somewhere Far Beyond” do Blind Guardian! Espero que gostem dessa edição tanto quanto nós gostamos de fazê-la! Sejam bem vindos ao nosso mundo e que venham muitos anos mais de Hell Divine! Go To Hell!!!

Pedro Humangous.

02

EQUIPE

Conheça quem faz a Hell Divine.

03

EDITORIAL

Nota do Editor Chefe.

04

ENTREVISTAS

Headhunter D.C, MX, Trek de Magalhães, Soul Spell, Command 6, Frozen Aeon, Edu Nascimento e Kamala.

27

HELL TAGS

O que a galera do metal anda falando nas redes sociais.

28

RESENHAS

Diversas avaliações da revista pra você acompanhar.

36

DIVINE DEATH MATCH

Veja a análise da revista sobre os últimos lançamentos para PC, PS3 e XBOX360.

38

COVERING SICKNESS

Entrevista com Rafael Tavares, um mostro das artes.

41

ESPECIAL 20 ANOS

Obras do rock que estão completando aniversário.

42

OLD SKULL

Relembre ou fique por dentro de como foi o metal no passado.

44

LIVE SHIT

Resenhas dos últimos shows no Brasil.

48

UPCOMING STORM

Conheça as bandas que estão surgindo.

49

MOMENTO WTF

Bizarrices do mundo do rock.

Editor Chefe: Pedro Humangous
 Redatores: Augusto Hunter e Yuri Azaghal
 Designer: Ricardo Thomaz
 Publicidade: Maicon Leite
 Revisão: Fernanda Cunha
 Web Designer: William Vilela
 Colaboradores: Christiano K.O.D.A, Marcos Garcia e Júnior Frascá.

Envio de Material:
 Rua Alecrim, Lote 4, Ap. 1301 - Ed. Mirante das Águas
 Águas Claras - Brasília/DF - CEP: 71.909-360

CULTO AO METAL DA MORTE

O Metal brasileiro possui bandas singulares, que desde a década de 80 vem carregando a bandeira do Death Metal com punhos firmes e cerrados, como é o caso do Headhunter D.C., oriundo de Salvador, Bahia. Completando 25 de serviços prestados ao Metal extremo - muitíssimo bem comemorados com o lançamento de "... In Unholy Mourning..." - o Headhunter D.C., através das palavras e ideias do lendário Sérgio "Baloff" Borges, segue sua jornada de devoção e culto ao "Metal da morte", neste que é um dos principais lançamentos do gênero no ano de 2012. Mas, para saber até aonde a banda chegou, demos uma revisitada em sua história, desde o lançamento da histórica demo "Hell is Here", que abriu as portas para um contrato com a Cogumelo e o lançamento do debut, "Born... Suffer... Die". Boa leitura!



HELL DIVINE: Completando ¼ de século dedicados ao Metal extremo, o Headhunter D.C. se encontra em excelente fase, resultando no lançamento de “... In Unholy Mourning...”, já considerado um clássico. Dos anos 80 pra cá, o que os motiva a levantarem a bandeira do “Metal da Morte”?

Sérgio “Baloff” Borges: Hails Maicon & Hell Divine! O que nos motiva a nos mantermos fiéis aos nossos princípios durante tantos anos em primeiríssimo plano é a paixão desenfreada que temos por esse gênero musical, ideologia e estilo de vida que realmente move a nossa existência, que age como combustível para nossa máquina de furor “deathmetálico”, de pura rebelião em forma de Culto, de Culto ao Metal da Morte, algo compreendido apenas por poucos. Assim foi, assim é e assim para sempre será!

HELL DIVINE: No período entre o surgimento da banda, em 1987, até o lançamento do debut “Born... Suffer... Die” em 1991 foram lançadas algumas demos, sendo “Hell is Here” o pontapé inicial, chamando a atenção da Cogumelo Records. Como foi entrar no cast de uma gravadora tão importante para o Metal brasileiro?

Sérgio “Baloff” Borges: Foi um feito realmente surpreendente para uma banda nordestina àquela época, quando uma grande parte da cena tinha certo nariz torcido para o que acontecia do lado de cá do Brasil, principalmente falando-se em Cogumelo Records, que tinha em seu cast algumas das melhores e maiores bandas do país, mas nada disso teria valor se não houvesse certa qualidade no que estávamos oferecendo, e o mais importante, se não houvesse uma seriedade no que estava sendo desenvolvido a ponto de chamar a atenção de uma gravadora do porte deles e da cena brasileira como num todo, cuja receptividade para com nosso debut foi algo realmente impressionante. Enfim, sentimo-nos até hoje honrados e orgulhosos por termos feito parte de um selo pioneiro do Metal Extremo na América Latina e que abrigou em seu cast bandas como Sepultura, Sarcófago, Mutilator, Holocausto, SexTrash, Chakal, The Mist e outras.

HELL DIVINE: O final dos anos 80 e começo dos 90 foi essencial para o crescimento e amadurecimento do Death Metal, mas ao mesmo tempo serviu para separar o joio do trigo. Comparando a cena brasileira com o que rolava nos EUA e Europa, qual seria o diferencial das nossas bandas?

Sérgio “Baloff” Borges: Concordo com você, e foi a partir daí que acho que acabou sendo criado o termo “typical Brazilian sound” em se tratando de Death Metal brasileiro, ainda que isso não traduzisse fielmente o som feito por todas as bandas daqui, mas só pelo fato de existir uma identidade aqui a ponto de tornar-se escola para inúmeras bandas ao redor do mundo já era (e é) uma grande coisa, algo como existia com as bandas da Bay Area, Flórida, Suécia etc... Acho que a bestialidade, a crueza e uma maldade natural na música vinda de uma realidade muitas vezes aterradora (sem falar de toda a revolta causada pela hipocrisia das religiões e de toda a sociedade porca que nos cerca). Seria o que difere não apenas as bandas brasileiras, mas as bandas sul-americanas num geral, das demais bandas mundo a fora, e isso sempre nos trouxe um imenso orgulho em sermos do Brasil, onde raramente nos são dados motivos para nos orgulharmos de algo.

HELL DIVINE: A demo “Hell is Here” foi lançada nos EUA pela gravadora Wild Rags Records, atingindo um bom público, sedento por Death Metal. Na época você participava da banda ThrashMassacre e não chegou a gravar este trabalho, mas de que forma você avalia este material?

Sérgio “Baloff” Borges: A demo “Hell is Here” possui alguns grandes méritos, entre eles o fato de ser a primeira demo de Death Metal gravada no Norte/Nordeste de forma profissional, em pistas separadas e tal. Isso vindo de uma banda de Salvador, Bahia, já era algo pra deixar muita gente preconceituosa e regionalista (ainda não existia o termos “separatista” naquela época... risos) em polvorosa. No âmbito musical, trata-se de uma grande “lição de violência” em minha opinião, com rifferamas ultra velozes e uma “metranca” das mais rápidas da época. É claro que a falta de um produtor

que fosse mais familiarizado com Metal limitou um pouco o peso que a banda queria e precisava, mas o resultado obtido em 1989 numa cidade como Salvador foi um “must”! Pra quem não sabe, a demo “HIH” foi lançada a partir do que seria o 12º EP “Noise”, que jamais fora lançado por motivos burocráticos e de sacanagem da gravadora contratada na época. Recentemente disponibilizamos o EP em sua íntegra no CD duplo comemorativo dos 20 anos da banda intitulado “The Darkest Archives... From The Death Cult (1987-2007)” lançado pelo selo peruano Crypts of Eternity.

HELL DIVINE: “Born... Suffer... Die” apresentou o Headhunter D.C. de forma oficial, já com você nos vocais, e abriu muitas portas. Conte-nos como foi o processo de composição e de gravação do álbum, já que naquela época não havia tantos recursos tecnológicos disponíveis?

Sérgio “Baloff” Borges: Mais uma vez estávamos remando contra a maré, vencendo barreiras e quebrando tabus. Estávamos num período quando a onda do momento era o Thrash aqui no Brasil e todas as bandas de Death Metal dos anos 80 haviam deixado seu estilo original para embarcarem na nova tendência, então mais uma vez o orgulho é grande por esse álbum que foi uma verdadeira vitória para nós e para todo o Metal nordestino por tudo que ele representou para sua época e continua representando nos dias atuais pela causa do Death Metal “untrendy”. Apesar de não dispormos à época dos recursos tecnológicos como temos hoje, ainda assim fomos privilegiados por termos gravado no famoso estúdio JG em Belo Horizonte – com produção e engenharia de som do Gauguin (Sarcófago, Mutilator, Holocausto, SexTrash, Chakal...) –, que entre outros foi onde foram gravados clássicos como “Bestial Devastation/Século XX” “Warfare Noise” I e II, “Abominable Anno Domini”, “Immortal Force”, “Campo de Extermínio”, “I.N.R.I.” e “Rotting”, mas ainda assim, com as pouquíssimas horas disponibilizadas pra gente no estúdio, tivemos que tirar sangue de pedra para obter um resultado satisfatório. Quanto às composições, algumas músicas antigas ganharam versões mais pesadas, brutais e extremas, enquanto que outras mais novas já mostravam um Headhunter D.C. mais evoluído dentro de nosso próprio conceito de se fazer Death Metal e que serviram como uma mostra de como viríamos a soar mais à frente.

HELL DIVINE: Hoje considerado um clássico, “Born... Suffer... Die” possui características peculiares do cast da Cogumelo, como a capa, desenhada pelo legendário Kelson Frost e a produção, comandada por Gauguin em Belo Horizonte. O resultado ficou como o esperado?

Sérgio “Baloff” Borges: Basicamente os álbuns lançados pela Cogumelo naquele período possuíam a mesma atmosfera, a mesma sonoridade, já que todos eram gravados no mesmo estúdio, com o mesmo engenheiro de som, o mesmo amplificador Marshall, a mesma bateria... Se você fizer uma comparação entre o “Rotting” do Sarcófago, “Sexual Carnage” do SexTrash e o “Born...Suffer...Die” perceberá que os três álbuns possuem uma sonoridade em comum justamente por conta desses aspectos, só diferindo-se nos anos em que foram gravados, acho que um ano de diferença de um para o outro, mas logicamente que possuem características próprias dentro



daquele “typical Brazilian sound” que falamos anteriormente, porém com o diferencial na música feita pelo Headhunter D.C. em comparação com as outras duas bandas, que possuíam basicamente o mesmo estilo, sendo uma influenciada pela outra, enquanto que nós possuíamos outras influências e fontes de inspiração. A capa do Kelson (“Rotting”, “The Laws of Scourge”, “Phantasmagoria”, “The Hangman Tree”...), assim como as fotos do Nino Andrés (autor da infame “foto do portão” da contra-capas), outras figuras marcantes nos lançamentos da Cogumelo daquela época, também foram essenciais para a concepção do álbum como num todo e, assim, também responsáveis pela nossa satisfação pelo resultado final do álbum. Tudo ainda era muito novo para nós, e ainda que alguns pontos pudessem ter saído melhores, todos estavam muito excitados e entusiasmados com tudo o que estava acontecendo, então termos finalmente o nosso debut em mãos foi algo indescritível. Bons e mágicos tempos!

HELL DIVINE: Houve um grande espaço de tempo entre o lançamento dos discos “Punishment at Dawn” (1993) e “... And the Sky Turns to Black... (The Dark Age Has Come)” (2000), separados apenas pela demo “Promo Tape ‘96”. Nesta época foi realizada uma turnê que abrangeu vários estados do Brasil, solidificando cada vez mais o nome da banda...

Sérgio “Baloff” Borges: O grande hiato entre um álbum e outro foi algo totalmente independente de nossa vontade e se deu por motivos contratuais, ou seja, continuamos como contratados da Cogumelo, mas ficamos sem contar com qualquer suporte para lançarmos o terceiro álbum. Aquele foi um período negro (no pior sentido da palavra) para o Death Metal no Brasil, quando todos os selos fecharam as portas para as poucas bandas do estilo que se mantiveram fortes, fiéis e alheios às modas que reinavam na cena, até que em 97 nos desligamos definitivamente da Cogumelo, gravamos o “...ATSTTB...” em 98 e daí fechamos um acordo com a Mutilation para o lançamento e distribuição do álbum, selo que foi o único que ainda apostava no Death Metal obscuro e profano aqui no país, enquanto que os outros só tinham olhos pro Black Metal “nórdico” e Gothic “gay” Doom. Após isso vários selos começaram a dar suporte ao estilo novamente e a partir daí a gente já sabe exatamente o



que aconteceu... Além da Promo '96, outra atividade relevante a ser citada durante esse período foi nossa participação no CD tributo ao Dorsal Atlântica com o hino “Álcool”, além da já citada tour do segundo álbum que na verdade durou até 95, o que mostra que apesar de todas as dificuldades, nos mantivemos íntegros e extremamente ativos na cena. “Trends come, trends go... ONLY THE STRONGER SURVIVE!”

HELL DIVINE: Um fato bem interessante que eu gostaria de destacar é a participação da banda em diversos CDs tributo e gravações de covers, dentre eles Dorsal Atlântica, Sodom, Kreator, Possessed, Morbid Angel, etc, mas alguns deles acabaram não saindo. A que ponto isto se tornou importante para o Headhunter D.C.? Já houve a ideia de lançar um álbum só de covers?

Sérgio “Baloff” Borges: As participações nos tributos serviram, entre outros aspectos, como uma forma de nos mantermos ativos entre um álbum e outro – mas obviamente que a motivação maior era mesmo a homenagem a estas bandas tão importantes para a nossa história como banda e como metalheads. Além desses, ainda rolaram o tributo ao Mortem, Possessed e Necrovore, sendo que acabamos não ficando no line-up final do segundo citado e o último jamais fora lançado, o mesmo acontecendo com o tributo ao Sodom via Dwell Recs dos EUA, porém todos foram devidamente aproveitados em diferentes lançamentos nossos. Sim, existe a ideia de lançar um álbum apenas com covers, algo como o Vader fez no “Future of the Past”, aproveitando todos os covers já gravados e acrescentando mais alguns outros. Quem sabe em breve não lançamos o nosso “Past of the Future”? (risos)

HELL DIVINE: “... In Unholy Mourning...” tem se destacado positivamente entre público e crítica especializada, superando seu antecessor, “God’s Spreading Cancer...”, de 2007. Ainda que mantendo a mesma sonoridade que consagrou a banda, nota-se uma dose ainda maior de agressividade, além da qualidade latente. Como foi atingir este resultado?

Sérgio “Baloff” Borges: Grato por suas palavras. Tudo sempre aconteceu muito naturalmente no Headhunter D.C., tudo flui com muita naturalidade, nunca quisemos nos enquadrar no que está “in” ou no que está “out” no momento, apenas satisfazemos os nossos instintos, e os nossos instintos pedem Death Metal, sempre desenvolvendo o nosso som, a nossa música, mas

sempre também mantendo-nos fincados em nossas raízes, nas raízes do verdadeiro Metal da Morte, então sendo sempre fiéis e verdadeiros antes de tudo a nós mesmo os resultados esperados sempre serão atingidos. Essa é a nossa forma de evoluirmos e estamos muito satisfeitos e orgulhosos dela. A agressividade e brutalidade sempre foram características primordiais em nossa música e isso se manterá vivo na essência do Headhunter Death Cult até o fim. Brutalidade inteligente, com peso, com morbidez, pontos-chave do verdadeiro Metal da Morte profano, sem aquela obsessão pela velocidade banal como muito vemos por aí. Comparando “... IUM...” com “GSC...” o que perceberemos é que o novo álbum possui uma carga maior de obscuridade, uma ambiência ainda mais carregada própria de suas músicas mais frias, densas, ainda que com um elevado nível de violência e brutalidade sonora. Talvez o fato de tratar-se de um álbum composto por mim em sua íntegra dê a “... IUM...” essa diferença em sua sonoridade se comparado aos álbuns anteriores. Mas ao mesmo tempo o entrosamento e cumplicidade musical e ideológica entre eu e o Paulo (Lisboa) construídos ao longo desses 25 anos, sem esquecer, é claro, do toque pessoal de cada um dos outros integrantes da banda que absorvem a arte “deathmetálica” do Headhunter D.C. da maneira que deve ser absorvida, traz ao álbum características encontradas em cada um de nossos trabalhos, mantendo assim a identidade da banda intacta. Tudo isso junto faz de “... IUM...” o que ele é: PURE UNHOLY DEATH METAL!

HELL DIVINE: Um dos grandes destaques do trabalho é a música “Hail the Metal of Death!”, que soa como se fosse um verdadeiro hino do Metal extremo brasileiro. Qual a mensagem que tentaram passar através desta música?

Sérgio “Baloff” Borges: Eu não diria uma mensagem, mas a ideia é tentar passar um pouco do sentimento que o Death Metal nos provém... Difícil de expressar através de breves palavras, é claro, mas que unidas a riffs feitos como nos primórdios do gênero e um refrão “pegajoso” (odeio essa palavra, mas evitei o “memorável” para não soar pretensioso... risos) creio que chegamos muito perto desse objetivo. TOTAL DEATH!

HELL DIVINE: Além desta, quais seriam os outros destaques e que faixas tem chamado mais atenção ao vivo?

Sérgio “Baloff” Borges: Ao vivo “Hail the Metal of Death!” tem realmente funcionado muito bem, até porque a divulgamos, junto com “Deny the Light”, antes mesmo de o disco sair, então já se tornou uma das mais conhecidas do novo álbum. A parte do “choir of the damned” nos shows é algo ainda mais emocionante do que no próprio CD, dependendo, é claro, da vibe do público. Em nosso atual set list, além das duas citadas, estamos tocando também “Dawn of Heresy”, que abre o show, e “Unexorcised (Haunting Your Exorcist)” e todas têm sido muito bem recebidas pelo público presente nos shows. Gosto muito de “Cursed be Thou”, “A Dream of Blasphemy” e a toda “low tempo” “Lightless...” também... enfim, acabei citando quase todo o álbum, afinal de contas sou muito suspeito para falar do mesmo, concorda? (risos) Ouçam-no vocês mesmos e tirem suas próprias conclusões, porém uma coisa é certa: se você é um “Death Metal addicted” certamente não ficará indiferente a “... IUM...” ... Metal da Morte da velha escola 666% garantido!

Hell Divine: Com as facilidades da internet a forma de divulgação hoje em dia tem sido mais rápida e prática, com as informações sendo compartilhadas em tempo real. De que forma as bandas podem usar isso a seu favor, sem pensar nas consequências dos downloads ilegais?

Sérgio “Baloff” Borges: Os downloads ilegais já são algo fora de controle atualmente, então já que não podemos lutar contra isso, vamos olhar pelo lado positivo da coisa, o lance da divulgação mesmo de sua música, fazer com que ela chegue até quem realmente interessa, ainda que, com tanta facilidade no acesso, inevitavelmente ela nem sempre caia apenas nas mãos e ouvidos certos. O problema nessa acessibilidade em larguíssima escala é a banalidade e a perda do valor do formato físico dos lançamentos, o que já sabemos que se trata de uma realidade muito triste na cena, tornando tudo virtual demais, mas felizmente ainda existem os verdadeiros fãs que fazem questão de adquirirem os materiais originais das bandas, sejam eles LPs, CDs ou cassetes, e também daí vem a minha admiração e respeito pelos nossos fãs “deathculters” e irmãos do Death Metal que continuam mantendo o Culto vivo e sadio. SALVE!

HELL DIVINE: Atualmente, creio eu, a cena Metal nacional tem melhorado em diversos aspectos, com vários CDs sendo lançados, ótimos festivais, etc. Obviamente ainda há muito que ser consertado, mas parece que há uma boa fase em curso. Qual a sua opinião, como músico e fã de Metal?

Sérgio “Baloff” Borges: O Metal é um gênero musical feito para pessoas evoluídas, e com um mundo sempre sob constante evolução (para bom e para ruim), a tendência é ver o Metal sempre crescendo mesmo, evoluindo, se expandindo, mas como no próprio desenvolvimento do mundo, existem os prós e os contras nessa dita “evolução”. Falarei mais como fã do que como músico de Metal, ainda que sob ambas as óticas o lado ideológico sempre prevalecerá, é claro, e digo mais uma vez que a banalização do Metal nos dias atuais é algo que me incomoda muito; o fato do Heavy Metal ter se tornado algo comum demais, quase politicamente correto, me enraivece e me entristece ao mesmo tempo, pois sou de um tempo em que o Heavy Metal era pura rebelião musical e ideológica, algo beirando a marginalidade mesmo (um Culto de poucos, realmente!), então todo esse ‘boom’ não poderia deixar de ser algo questionável para um metalhead ortodoxo e tradicionalista como este que aqui vos escreve – assim como tantos outros que também se mantêm na resistência nesses dias tendenciosos. Por outro lado, a grande quantidade de shows, de espaços, de selos, distros, lançamentos e consequentemente headbangers dando continuação a isso tudo se torna também um grande incentivo para nós, bandas de Metal Underground, mantermos-nos ativos espalhando o Culto, defendendo a Causa do Metal e atingindo aqueles a quem o nosso trabalho é destinado de uma forma ainda mais abrangente mundo a fora. Os curiosos, meros “curtidores” de Metal, não nos interessa do ponto de vista ideológico, então pouco nos importa se irão baixar toda a nossa discografia na internet em apenas 2 minutos, sacou? Em suma: o Metal é para sempre! A saga continua...

HELL DIVINE: “... In Unholy Mourning...” certamente entrará na lista de “melhores do ano” de muita gente, e cumpre o papel do Headhunter D.C. em manter a chama do Metal extremo acesa no Brasil. Por favor, deixe uma mensagem aos leitores da Hell Divine...

Sérgio “Baloff” Borges: Antes de qualquer coisa agradeço a vocês da Hell Divine pelo suporte dado ao Headhunter D.C.. “... In Unholy Mourning...” é mais uma oferenda de pecado e heresia em forma de brutal e blasfemo Death Metal do Headhunter Death Cult ao universo do Metal da Morte Underground, portanto unam-se a nós nesse luto profano! Continuem brutais e, como sempre, mantenham-se distantes de Deu\$! (Por) Um mundo sem Deus, um mundo sem Cristo, um mundo sem Igreja... (Por) Um mundo sem cristianismo, um mundo sem hipocrisia, um mundo sem Deus! BY THE METAL OR DEATH... SALVE!

Por Maicon Leite.



Flama

the artwork of Fernando Lacerda

seu trabalho merece uma comunicação especial!

capas de CD/ DVD
logotipo
identidade visual
site
blog
redes sociais
impressos

acesse e saiba mais
flamadesign.com

f t p



JASON ESTÁ DE VOLTA

Já se tornou rotina falar sobre a volta de inúmeras bandas clássicas do Metal nacional, e o MX está incluso nesta lista. Responsáveis por apresentar aos bangers discos clássicos como “Simoniactal” e “Mental Slavery”, estes pioneiros do Thrash estão de volta para mostrar à nova geração um pouco daquele clima encontrado nos anos 80 e prometem um novo e definitivo disco para 2013. E para saber o que tem rolando com o grupo, bem como saber um pouco mais de sua história, conversamos com o baterista Alexandre Cunha, bastante empolgado com esta nova fase do MX! Coloque “Dirty Bitch” pra rolar e acompanhe este excelente bate papo!

HELL DIVINE: O MX está de volta, participando de uma fase bem interessante do Metal brasileiro. Tenho conversado com vários músicos que tem retomado as atividades, e parece que o momento é propício para esta volta das bandas clássicas. Como rolou este retorno?

Alexandre Cunha: Na verdade eu particularmente sempre pensei no retorno do MX, mesmo porque na fase do segundo álbum, “Mental Slavery” (1989/90) a banda parou, e tínhamos vários shows a serem feitos, as pessoas não tiveram a oportunidade de ver este álbum ao vivo e acho que é importante ver o MX desta fase. O retorno já vinha sendo especulado entre a gente, mas nunca conseguimos unir a vontade de todos, até que este ano com o apoio da mídia e principalmente do pessoal que curte o MX não deu pra segurar, estamos de volta!

HELL DIVINE: Pelo que vi pelo Youtube, o show de retorno no “Executer Fest” foi muito bom, uma boa prévia do que rolará na abertura do Arch Enemy. Tocar no interior

geralmente chama mais público e a galera é mais agitada. O que esperar da capital, depois de tanto tempo?

Alexandre Cunha: O show que fizemos em Amparo realmente foi excelente, tivemos uma aceitação ótima e o público nos apoiou do começo ao fim, realmente foi um ótimo retorno para o MX. Para o show com o Arch Enemy esperamos fazer uma apresentação ainda melhor, estamos evoluindo, voltamos agora com poucos ensaios e a tendência é crescer. Esperamos o apoio do público e contamos com isso, vamos gravar o show para o lançamento de um futuro DVD/documentário e será essencial o apoio do público.

HELL DIVINE: O primeiro registro em vinil do grupo foi na coletânea “Headthrashers Live”, onde dividiram o “bolachão” com as bandas Necromancia, Cova e Blasphemer. “Fucking All the Angels” e “Destructor of Heads” são cruas e agressivas, fixando o MX de vez na cena... O que buscavam nesta época?

Alexandre Cunha: O “Headthrashers Live” foi muito bom para o cenário e para as bandas, na época o MX procurava seu espaço, fomos convidados para a gravação da coletânea através dos produtores que visitaram o ensaio de várias bandas e selecionaram as quatro que achavam serem as melhores. Tivemos um desempenho legal e a aceitação do público foi imediata, conseguimos nosso objetivo que era seguir com um disco solo após o “Headthrashers...”.

HELL DIVINE: “Simoniactal” (1988) veio logo em seguida, forjando clássicos como “Fighting the Bastards”, “Satanic Noise”, “Jason” e a indefectível “Dirty Bitch”...

Aliás, qual é a verdadeira história por trás desta música?

Alexandre Cunha: O “Simoniactal” foi um marco para o MX e acredito até que para a cena da época. Aquele tipo de Thrash Metal era bem nosso, não se parecia com nenhuma banda especificamente, tinha de tudo que gostávamos ali, acho que conseguimos fazer um disco agressivo sem ser repetitivo, não se parecia com nada descaradamente, era o MX! Com relação à música “Dirty Bitch”, quando fiz a letra realmente tinha uma relação leve com algumas pessoas que conhecemos na estrada, às vezes “dirty”, às vezes “bitch”, e às vezes “dirty bitch”, mas sempre levamos com uma brincadeira essa letra, nada que mereça tanta atenção... (risos)

HELL DIVINE: Em 1989, após vários shows promovendo o álbum anterior, foi à vez de “Mental Slavery” chegar às lojas, mantendo a qualidade e levando a banda a abrir o show do Testament em São Paulo. Do que você se lembra deste show em especial e do retorno que o disco teve?

Alexandre Cunha: O “Mental Slavery” foi a evolução do “Simoniactal”, mais técnico, mais rápido, mais bem tocado. É um álbum importante que mostra a evolução da banda, mesmo com pouquíssimos recursos e tempo limitado para a gravação. Fizemos vários shows importantes, teve um com o Kreator (que não veio...) que tinha o Projeto Leste lotado, talvez com mais de 12.000 pessoas e seguramos o show com o público apoiando do começo ao fim, tivemos a abertura para o Testament entre outros grandes shows com bandas nacionais. Especificamente com o Testament fizemos um grande show, o público cantou nossas músicas, e no fim do show fomos ovacionados de forma incrível, foi um dos momentos importantes de nossa história,

com certeza inesquecível, ali tivemos a certeza que o MX havia crescido exponencialmente. Eu particularmente tive alguns desentendimentos com o baterista do Testament, rolou umas gentilezas entre a gente, mas foi tudo resolvido e acabou tudo bem.

HELL DIVINE: Analisando a trajetória da banda até aqui, quais os pontos positivos e negativos que você destacaria? Os anos 80 foram realmente “anos dourados”?

Alexandre Cunha: O MX começou suas atividades na metade dos anos 80, mas a cena em si só começamos a vivenciar de forma forte em 86/87, era uma época maravilhosa com relação ao fato de que tudo estava começando no Brasil, tudo novidade, o movimento em si começou a se tornar bem forte, a união, a agressividade, o radicalismo, as brigas..., tudo era acentuado, coisas boas e coisas ruins, portanto tenho saudades sim de tudo isso, mas os pontos negativos eram o fato de não existir materiais de bandas, vídeos, instrumentos, nada mesmo, era uma conquista gravar uma fita cassete de uma banda, eu cheguei a tocar bateria em caixas de papelão quando era bem moleque, cerca de 12 anos, e fui conseguir o primeiro contato com uma bateria aos 15 e logo em seguida já surgiu o “Headthrashers...”, tocávamos por instinto mesmo. Quando gravamos o “Headthrashers...” eu nunca tinha sequer visto e muito menos tocado com uma bateria de dois bumbos, nem sabia como fazer, e resolvi colocar os bumbos no começo da música “Destructor of Heads” ao vivo... Foi na hora isso, difícil de imaginar e se tornou a marca da música.

HELL DIVINE: A década de 90 significou o encerramento das atividades, e para o Metal em geral, um momento de enfraquecimento. Somente em 1997 o MX retornou à ativa, lançando “Again” e fazendo vários shows, inclusive com o Exodus, contando agora com nova formação. Faça um resumo deste primeiro retorno e o que ele representou para vocês.

Alexandre Cunha: Na verdade o “Again” nós gravamos em 1995, e simplesmente era o desejo de registrar mais um trabalho do MX. Já tínhamos algumas bases e pedaços de músicas prontas antes do fim da banda em 1990, e foi um álbum feito em estúdio, não teve ensaio e é um álbum bem direto e extremamente sincronizado, com menos nuances que os demais, gosto bastante deste trabalho. Eu não considero

este um retorno propriamente dito, tocávamos menos e por diversão, fizemos alguns shows, não divulgamos muito, não foi nada parecido com o que estamos vivendo agora, que é realmente uma volta de verdade. Mesmo assim fizemos shows excelentes neste período, tocamos três vezes com Exodus, Paul Di’anno e outros. Depois disso gravamos o “The Last File” em 1999.

HELL DIVINE: Muita coisa mudou nestes quase 30 anos de MX, principalmente no que se diz respeito aos meios de comunicação e a forma de divulgação, indo dos fanzines às redes sociais... De que forma a banda encara esta evolução e de que forma pretendem utiliza-la?

Alexandre Cunha: Os tempos são outros, na década de 80 não tínhamos tanto apoio, não tínhamos ninguém que pagasse por anúncios e propagandas em revistas, tudo que conseguimos foi na garra mesmo, atualmente é mais fácil divulgar, a internet globalizou tudo. Pretendemos mostrar o que é o MX, mostrar ao público um pouco do que o MX fez no passado e logicamente divulgar um novo trabalho que deve ser gravado em 2013.

HELL DIVINE: Bom, creio que para um primeiro bate papo estamos bem atualizados quanto a este grandioso retorno... Quais os planos para um novo álbum e que mensagem você deixa ao pessoal mais novo, que está conhecendo a banda agora?

Alexandre Cunha: Nossa intenção é preparar as músicas do novo álbum e gravá-lo em 2013, e aí iniciar uma nova fase com material novo. Vamos nos empenhar pra lançar um grande álbum e ficar marcado na nossa história como nosso melhor trabalho. Pra quem está conhecendo a banda agora pedimos o apoio e a confiança e que compareçam em nossos shows! Isso é muito importante para o MX, esta moçada nova é o presente e será o futuro da cena no Brasil. Bangers, permaneçam unidos! O MX agradece o apoio de todos vocês! Obrigado Maicon Leite pela entrevista!

Por Maicon Leite.



INFEKTION

[HTTP://WWW.INFEKTIONMAGAZINE.INFO](http://www.infektionmagazine.info)

REVISTA DE METAL ONLINE, GRATUITA
E ESCRITA EM PORTUGUÊS!

ENTREVISTAS, REVIEWS, LIVE REPORTS, TATUAGENS, TERROR,
CINEMA E MUITO METAL!

ENTREVISTA

TREK DE MAGALHÃES



Que o Brasil está abarrotado de excelentes bandas extremas, todo fã de barulho já sabe. No entanto, algumas se sobressaem e apresentam grandes produções que dominam o público. Um dos grandes responsáveis pela qualidade de gravações é o Da Tribo Studio, local onde atua um dos grandes magos do nosso país, Trek de Magalhães. Em rápida entrevista à Hell Divine, o cara fala sobre sua carreira, dia-a-dia, a cena nacional e, claro, produção.

HELL DIVINE: Como começou sua carreira de produtor até chegar ao Da Tribo Studio?

Trek de Magalhães: Ouvindo música (risos). Descobrimo detalhes das gravações e as lendas de estúdio. Cheguei ao Da Tribo ensaiando com um projeto de banda que eu tinha, aí, fui me aperfeiçoando e, hoje, estamos aí na estrada e no Studio.

HELL DIVINE: Como é o seu dia-a-dia trabalhando?

Trek de Magalhães: gravando, gosto de me esquecer do tempo, pois preciso me concentrar só no trabalho e odeio regras. Aliás, não sigo nenhuma norma. Cada gravação é uma história diferente.

HELL DIVINE: De qual trabalho você se orgulha mais por ter realizado?

Trek de Magalhães: Nossa, gosto de todos (risos): Ação Direta, Ratos de Porão, Subterra, Krisiun, Claustrofobia, Necromancia, L.A.C etc... Enfim, curto realmente o som vivo, isso em 90% do meu dia-a-dia.

HELL DIVINE: Que bandas com as quais trabalhou você destacaria hoje no underground?

Trek de Magalhães: Tem várias, mas o Krisiun realmente deu uma nova cara para o nosso underground.

HELL DIVINE: O que é mais compensador em ser produtor musical de bandas extremas?

Trek de Magalhães: Cara, fazer o que você realmente curte não tem preço. Amo o que faço, a dificuldade é pagar contas no fim do mês (risos). E os impostos para termos bons equipamentos, tanto no Studio quanto ao vivo, nosso governo não nos favorece em nada e a maior dificuldade acaba sendo a falta de grana para montar uma estrutura profissional.

HELL DIVINE: Existem outras dificuldades também?

Trek de Magalhães: Em termos de bandas, o público é sem palavras, mas ainda pecamos muito em produção. Para mim, hoje, com certeza, as maiores dificuldades são as produções. Apesar de muito bem intencionadas, precisamos de apoio cultural e atingir um nível mais profissional.

HELL DIVINE: De um modo geral, como avalia a cena underground brasileira hoje? Há mais bandas boas ou ruins?

Trek de Magalhães: Com certeza, há mais bandas boas do que ruins. Por que falei da produção? As bandas estão evoluindo cada vez mais, e isso fica bem evidente quando se tem uma produção boa. O público agradece e as bandas também.

HELL DIVINE: Agradeço a entrevista, Trek! Solta o verbo para finalizar!

Trek de Magalhães: Espero ainda ver o Brasil no topo do underground mundial com honestidade e profissionalismo, o principal nós já temos: público e bandas. Em breve, vamos ter boas produtoras com pessoas sérias e profissionais. Agradeço todas as pessoas que acreditam no Metal, cada vez mais forte, profissional, extremo e sem frescura. Apoiar sempre, isso é o ideal.

Por Christiano K.O.D.A.



Heleno Vale's

Soulspell
Metal OperaPROJETO AMBICIOSO
E DE SUCESSO

Sem dúvida, o Metal Ópera Soulspell, capitaneado pelo baterista Heleno Vale, é um dos projetos mais ambiciosos do metal nacional em todos os tempos. Trata-se de uma obra grandiosa não só musicalmente, mas também em relação à história criada, demonstrando toda a criatividade de seu mentor. E aproveitando o lançamento do terceiro disco do projeto, "Hollow's Gathering", a HELL DIVINE bateu um papo com Heleno, que nos conta um pouco sobre a composição do material, o processo de escolha dos vocalistas, além de detalhar melhor a história tratada no álbum e revelar seus planos para o futuro do Soulspell. Confirmam.

HELL DIVINE: "Hollow's Gathering", o terceiro disco do Soulspell, acaba de chegar ao mercado nacional via Hellion Records. Quais as diferenças musicais deste novo material com seus antecessores, "A Legacy of Honour" e "The Labyrinth Of Truths"? Você acredita que alcançou os objetivos que pretendia com o disco?

Heleno Vale: Sem dúvida. Os três discos do Soulspell mostram uma clara evolução tanto no aspecto de composição, quanto no aspecto de produção/finalização. Sobre as diferenças, eu creio que seguimos até aqui um estilo bem definido e pretendemos continuar sendo fiéis ao mesmo estilo. Portanto, as diferenças musicais se restringem à maturidade e experiência que não tínhamos no primeiro disco e que tivemos em boa dose neste último álbum.

HELL DIVINE: O disco novo, além dos vocalistas já "cativos" no Soulspell, ainda conta com alguns outros de renome internacional, como Blaze Bayley, Tim Ripper Owens, Matt Smith, Mike Vescera e Amanda Somerville. Como você escolheu os músicos convidados? Todos representam novos personagens na saga abordada pelo Soulspell?

Heleno: Na saga do Soulspell, cada vocalista interpreta e sempre interpretará apenas um personagem, pois seguimos uma mesma história em todos os álbuns. Escolhi os vocalistas que mais se encaixavam nos personagens que fariam parte do "Hollow's Gathering". O personagem abstrato da "fênix" é abordado como um tema subjetivo para esperança, fé e renascimento. Portanto, a voz suave e aveludada da Amanda Somerville era a melhor opção no planeta Terra e sou muito grato a ela e muito orgulhoso por ela ter aceitado meu convite. O personagem "Caronte, o barqueiro que transporta as almas para o inferno" necessitava de uma voz forte e, de certa forma, diferente e até um pouco estranha, pois se tratava

de um personagem de outra dimensão. Como um grande fã de Malmsteen, principalmente dos álbuns gravados por Michael Vescera, eu não poderia ser premiado de uma forma melhor do que ter esse vocalista para esse papel. Tim Ripper se encaixa na mesma análise de Vescera, porém, para interpretar a sagrada árvore morta, eu precisava de algo mais estranho ainda e pedi ao Ripper uma interpretação diferente de tudo que ele já fez. Ele compreendeu perfeitamente e deu no que deu: um grande desempenho, diferente, forte, rasgado, estranho, agudo etc. Perfeito para nossa história. Para o personagem do cavaleiro guardião da sagrada árvore, eu precisava de algo grave e forte, imponente e intimidador. Blaze Bayley foi a opção perfeita. Não vejo outro vocalista para desempenhar melhor o papel do guardião Banneth do que o Blaze. Você vê?

HELL DIVINE: Realmente não vejo! Aliás, você poderia, por favor, contar um pouco mais dessa terceira parte da história para nossos leitores?

Heleno: Claro! Vou supor que vocês conheçam as duas outras partes. Sem querer, Tobit está preso na dimensão do Labirinto das Verdades e seu filho, Timo, descobre, por meio de um diário, os dons especiais de seu pai. Timo parte em busca de respostas. A história do "Hollow's Gathering" começa com a convocação de Hollow, o dragão guardião do labirinto, para todos os líderes perniciosos e personagens mais sombrios de cada dimensão, inclusive da nossa dimensão. Hollow quer os detalhes da abertura do portal de Amon, que levou seres humanos, Tobit e o mago Haamiah ao labirinto. Hollow, certamente, não pretende deixar impunes os responsáveis. Paralelamente, Timo, de apenas 15 anos, está na floresta buscando a sagrada árvore para apontar-lhe a entrada para o labirinto. Pressentindo algo estranho, Timo volta para sua casa e a encontra pegando fogo, com sua mãe Judith caída em meio aos escombros. Samael, o príncipe dos demônios a havia levado para sempre. Judith estava morta. Desolado, Timo consegue alcançar o estágio mais alto de seu espírito, conseguindo assim enxergar novos caminhos que o levam a Banneth, o guardião da árvore sagrada e posteriormente à própria árvore, da qual, a princípio, ele não entende sequer uma palavra. Paralelamente, Judith tenta auxiliar seu filho, mesmo estando no purgatório. Ela ousa dialogar com o temível barqueiro que transporta as almas ao inferno, que admira sua coragem e a premia com a possibilidade de orientar seu filho, mesmo ao longe.

HELL DIVINE: Todas as faixas do disco são muito legais e repletas de ótimos arranjos, variando entre momentos mais pesados e outros mais melódicos, mas sempre mantendo a qualidade. Você acredita que, em termos de qualidade de composições, este seja o melhor registro do SoulsPELL até o momento?

Heleno – Obrigado. Acredito que todos os discos do SoulsPELL sejam bons discos. Este é, com certeza, o mais maduro e o mais bem dosado. Acho que estamos em evolução e, com certeza, um disco sempre apresentará melhorias com relação ao seu predecessor.

HELL DIVINE: Dentre as faixas de destaque, cito aqui a excelente “The Dead Tree”, que conta com a participação de Tim Ripper Owens, em uma apresentação arrebatadora. Você já compôs esta faixa pensando em convidá-lo para cantá-la? Tim aceitou de imediato o convite para participar do disco?

Heleno: Desde quando criei o personagem da sagrada árvore morta, eu sabia que seu intérprete deveria ser o Tim Ripper Owens. Eu acho que ele fez um trabalho brilhante, tornando a música ainda mais especial, ousada e diferente. Adoro a ousadia do Tim, que aceitou de imediato, dizendo que a melodia era bastante alta e que ele gostaria de encarar esse desafio.

HELL DIVINE: Outra coisa que fica evidente em “Hollow’s Gathering” é o equilíbrio entre na utilização dos vocais de artistas nacionais e internacionais, sendo que estes, em momento algum, se sobrepõem àqueles, o que não é tão comum, pois não raramente, quando algum vocalista internacional participa de um disco de bandas nacionais, acaba tendo todo o destaque. Isso foi algo intencional, ou se deve à participação dos personagens na história?

Heleno: As duas coisas. Eu dou todo o valor à história e às letras e as seguirei sempre com prioridade sobre as participações dos vocalistas. Se a história pedir somente vozes nacionais, teremos um disco 100% nacional, como foi nosso primeiro. Porém, se a história pedir somente vozes internacionais, teremos um disco 100% internacional (o que é mentira, pois sempre farei um concurso de vocalistas para ajudar os novos talentos do Brasil. Mas, de qualquer forma, esse seria um disco quase 100% internacional). Quando a

história pedir o equilíbrio, teremos um disco equilibrado, como foi o “Hollow’s Gathering”. Eu confesso que prefiro e tentarei sempre que possível buscar discos equilibrados, com alguns jovens talentos nacionais e com grande peso internacional, afinal, dependemos do sucesso internacional dos discos para continuarmos na batalha por muitos anos.

HELL DIVINE: O único caso de destaque de uma vocalista no disco, acredito que seja o de Daisa Munhoz, que possui bem mais participação do que nos trabalhos anteriores do banda. Fale-nos um pouco a respeito.

Heleno: Sim. A Daisa Munhoz é a personagem principal deste álbum, pois a história é contada em torno de sua morte e suas tentativas de ajudar Timo, mesmo estando em outra dimensão. Daisa é uma das melhores vocalistas do planeta Terra. Ela é um talento nato tanto ao vivo, quanto em estúdio. Seu timbre é maravilhoso, tanto para baladas, quanto para músicas mais agressivas. Portanto, eu tenho certeza que estamos diante de uma futura estrela internacional. Em minha opinião, ela é, dentre todos os artistas que já passaram pelo SoulsPELL, a artista mais talentosa. Ela merece e terá todo o meu apoio e respeito para sempre, mesmo que tracemos caminhos diferentes um dia.

HELL DIVINE: Para encerrar, por favor, conte-nos quais são seus planos para o futuro do SoulsPELL? Vocês pretendem lançar um DVD ou disco ao vivo?

Heleno: Claro. Toda banda pretende lançar algo ao vivo um dia. Eu pretendo lançar algo muito especial com o SoulsPELL ao vivo. Quero que seja algo místico, algo que transcenda um mero show de Heavy Metal. Talvez isso role já no ano que vem, ou podemos esperar a turnê do próximo álbum ainda. Estão em meus planos uma turnê internacional (que pode ser para este disco ou somente para o próximo), a gravação de alguns covers, o início dos trabalhos do quarto álbum, a realização de alguns shows em festivais pelo Brasil no ano que vem, a realização de um novo e maior concurso para vocalistas, o lançamento da primeira trilogia em livro etc. Tenho muito trabalho pela frente! Conto com todos vocês!

Por Junior Frascá.

**METAL
ao
EXTREMO**

Rádio Metal ao Extremo, 24 horas com a melhor programação Metal do Brasil!

www.metalaoextremo.com

curta nossa página no facebook e concorra sempre aos sorteios de cds, lps, dvds, blue-ray e muitos mais...

https://www.facebook.com/radiometalaoextremo

A TOUR EUROPÉIA SOUNDS OF EXTREME EM PORTO ALEGRE

TUMBA
Realização

Coordenação
branco
Produções



**21 Hs
QUINTA
13
DEZEMBRO**

INGRESSOS NAS LOJAS APLACE & ZEPPELIN

APOIO:
APLACE
Artigos de Rock
www.aplace.com.br
F: 3213 81 50

HELL DIVINE
ONLINE METAL MAGAZINE

ROAD TO METAL

ROCKBOX
www.rockbox.com.br

**METAL
EXTREMO**

ANTECIPADO:
R\$ **35,**
NO LOCAL: R\$40,

LOCAL:
Bar **[Opinião]**
POA-BRASIL

Arte: Márcio Jamerson



COMMAND6

Desde seu surgimento, há quatro anos, o Command6 vem chamando a atenção do público headbanger com um som pesado, vigoroso e repleto de belas melodias. E agora acabam de lançar a versão física de seu segundo trabalho, “Black Flag”, sucessor do aclamado “Evolution?”, que vem recebendo ótimas críticas por parte da mídia especializada e trazendo excelentes frutos à banda. Nessa entrevista, batemos um papo com o guitarrista Atílio Negri, que nos conta como tem sido a divulgação do novo material, a repercussão junto ao público das novas músicas, e quais os planos para o futuro. Confirmam:

HELL DIVINE: Vocês acabam de lançar no mercado a versão física do novo disco “Black Flag” que, anteriormente, havia sido lançado no formato digital para download gratuito. Por que vocês decidiram lançar o disco online antes? Vocês acreditam que atingiram os objetivos alcançados?

Atílio Negri: Entramos nesse consenso, pois queríamos que a galera escutasse o quanto antes nosso som. Com isso, deixamos para download nossos dois álbuns: “Evolution?” e o “Black Flag”, além do primeiro clipe da banda “So Cold”. Sim, os objetivos foram alcançados, pois muita gente já conhece nosso som, e estão ansiosos para adquirir o CD físico e ir ao show ver como soam as músicas com a banda ao vivo.

HELL DIVINE: Falando do novo disco, “Black Flag” mostra uma grande evolução em relação ao debut da banda, “Evolution?”, com músicas mais maduras e com arranjos bem estruturados, inclusive tendo recebido ótimas críticas da imprensa especializada. Como foi o processo de composição do novo disco, e como o

trabalho com o produtor Adair Daufembach contribuiu para a qualidade do material?

Atílio Negri: Bom, diferente do “Evolution?” com o “Black Flag” nós tivemos um tempo maior para compor, alguns cuidados para todas as músicas não soarem iguais, ter um bom gosto nos riffs, levadas, no canto, e deixamos todas as influências correrem soltas na composição. O Adair “Monstro” Daufembach é um cara que abriu ainda mais nossa mente, ele é um produtor incrível, pois ele entendeu o que queríamos passar para a galera e deu essa cara para o “Black Flag”, simplesmente um monstro (risos).

HELL DIVINE: Um fator que se destaca no novo disco é o peso das composições, trazendo influências de Thrash metal moderno e Metal Core ainda mais evidentes, com ótimas faixas, como “So Cold”, “Crush the World” e “Dawn of a Man”. Essa maior agressividade nas composições foi algo planejado ou as faixas foram assim surgindo, naturalmente? Você acredita que atingiram o resultado que esperavam?

Atílio Negri: Isso foi surgindo naturalmente, escutamos

muito Sabbath, Metallica, daí já viu... (risos). Todos da banda participaram muito na questão de desenvolver os sons, melodias e juntando com umas histórias engraçadas. Sim, sim, estamos muito satisfeitos com o resultado final, pois é um álbum “mais maduro”, tem sons que agradam a todos, desde o público do Metal como quem não curte também, isso é muito importante.

HELL DIVINE: Outro destaque do material é o excelente trabalho das guitarras, bem entrosadas, e com solos e riffs bem legais, que cativam o ouvinte logo de cara, dando a impressão de que você e Bruno Luis já tocam juntos há vários anos, embora você tenha entrado na banda em meados de 2011. Como você define essa parceria, e quais as influências que você acredita que agregou à banda?

Atílio Negri: Nos conhecemos há muito tempo, já dividimos o mesmo palco antes, temos o gosto musical bem próximo, isso ajudou demais com o entrosamento no Command6. Bom, eu antes de entrar na banda tocava bastante Hard Rock, gosto de outros estilos musicais, além de sons bem extremos. Acho que, de certa forma, deu uma nova cara ao som, pois desses estilos que citei o Bruno curte também, então foi algo que rolou naturalmente.

HELL DIVINE: Uma das faixas que mais chama a atenção no novo disco é o cover de “Maior Abandonado”, do Cazusa, que ficou realmente excelente. Por que vocês decidiram gravar um cover de uma música tão inusitada, e o que acharam do resultado final?

Atílio Negri: Todos nós do Command6 curtimos demais Barão, e a escolha desse som foi algo conjunto, e queríamos dar uma cara mais “pesada e agressiva” ao som. Além disso, chamamos

67294
PESADO E VIGOROSO

o Cadu Pelegrini (vocalista da banda Kiara Rocks) para fazer uma participação na música.

HELL DIVINE: E agora, com o lançamento da versão física do novo disco, quais os planos de divulgação do material? Vocês já têm planos para uma turnê internacional e de lançar o disco no mercado externo?

Atílio Negri: Estamos fazendo a pré-venda do “Black Flag” pelo email: contato@command6.com. Agora, com o material em mãos, estamos fazendo nossa agenda de shows pelo Brasil inteiro. Planos nós temos sim, mas primeiro queremos tocar em todas as regiões do Brasil, sentir a repercussão da galera. Já recebemos bastantes recados de pessoas da Europa, EUA, dizendo que estão pirando com o nosso som, que escutaram pelo nosso site. Em breve, vamos ver se lançamos algo fora para fazer mais barulho para essa galera.

HELL DIVINE: E os shows nacionais, como tem sido a reação dos fãs para as faixas do novo disco?

Atílio Negri: A galera tem curtido demais o som, isso foi um dos motivos de ter disponibilizado o CD via Internet, pois todos foram conhecendo mais as músicas e nos shows ficam brisando no canto, nas riffeiras e levadas.

HELL DIVINE: Atílio, obrigado pela entrevista. O espaço é seu para deixar seu último recado aos nossos leitores.

Atílio Negri: Queria agradecer a toda equipe da HELL DIVINE pela oportunidade e aos leitores. Escutem nosso novo álbum “Black Flag” e apareçam nos shows. Certeza que sairão satisfeitos e com vontade de destruir tudo com o metalzão comendo solto (risos).

Por Junior Frascá.



Mesmo enfrentando grandes adversidades, a banda carioca Frozen Aeon não deixou de batalhar pelos seus ideais e realizar suas metas. Prova disso é o lançamento do – fantástico – EP “This War, Christ Has Lost”. Depois de aguentar comentários ridículos de quem não faz a mínima noção do que é Black Metal, essa rapaziada deu a volta por cima e presenteou os fãs com um ótimo trabalho – e, consequentemente, calou a boca de muitos “haters”. Abaixo, segue uma entrevista exclusiva sobre o processo de composição do novo EP, além de algumas coisas a mais...

HELL DIVINE: Grande Alexy! Finalmente, tenho a chance de entrevistar o Frozen Aeon. De início, seria legal conhecer, a partir de suas próprias palavras, a trajetória da banda em um resumo. Afinal, vejo aqui que muitas mudanças ocorreram tanto no nome da banda quanto na formação dos integrantes. Agora que o Frozen Aeon está estabilizado e progredindo cada vez mais, o que você pode nos dizer ao recordar dos dias mais “árduos” da banda?

Alexy: Obrigado pela oportunidade e pelo apoio. Bom, vamos lá. A banda, originalmente, começou em 1998 (se chamava Erotic Funeral) e foi formada por Kaften (que fez parte do Uearthly depois que saiu) e eu. Fizemos muitos shows pelo RJ numa época em que não havia mais bandas usando corpse paints por aqui. Em 2000, a banda parou para ajustarmos nossas vidas pessoais (tipo trabalho, família surgindo e essas coisas). Toquei bateria em algumas bandas locais só por hobby, mas decidi voltar com o Erotic Funeral, em 2003, pois finalmente eu tinha encontrado um baterista que fosse meu braço esquerdo (Kolossus). Decidimos mudar o nome da banda para Sworn, gravamos uma demo, em 2004, e paramos novamente só voltando em 2008. Com um line up estabilizado, mudamos novamente o nome e em definitivo para Frozen Aeon. Gravamos nossa primeira demo “Kill Them All”, mas encontramos confrontos ideológicos com o guitarrista – que queria fazer um som mais Death Metal e não curti Black Metal – tanto musicalmente quanto

em estilo de vida. Em 2008, arrumamos outro guitarrista para shows, ficando assim a banda com duas guitarras. O guitarrista que não concordava com a banda em ser Black Metal decidiu sair e efetivamos o cara para fazer show que virou meu braço direito (Shagharephy). A banda seguiu como um trio (eu no baixo e vocais) e ficou bem melhor assim. Depois que o outro guitarrista decidiu sair por não curtir Black Metal, botei ordem na casa e o Frozen Aeon voltou às origens desde o Erotic Funeral e Sworn que é ser Black Metal, seja ele tosco e ríspido ou melodioso com alguns teclados, pois é o estilo que eu mais gosto de ouvir e me sinto muito mais confortável cantando e compondo neste estilo. Sempre fui responsável por 90% das composições e agora já não sou tanto, pois, finalmente, apareceu o Shagharephy e efetivamos um baixista tbm (Helderson) que também ajuda nas composições e com este line up já estamos indo para o quarto EP que vai começar a ser gravado em dezembro.

HELL DIVINE: Tive o prazer de conferir “This War, Christ Has Lost” (a propósito, obrigado de novo) e, de fato, ele está ótimo, inclusive a capa que ficou incrível. Alexy, por favor, fale-nos aqui sobre o processo de composição do novo EP em relação aos outros trabalhos do Frozen Aeon. Como você vê a carreira da banda através desse novo trabalho?

Alexy: Muito obrigado pelo elogio em relação ao EP. Bom, eu acho que amadurecemos muito em termos de gravação

e deixei bem claro com os outros caras da banda que se é Black Metal que gostamos, então é isso que faremos mais e mais. Fomos muito influenciados por Marduk, Dimmu Borgir antigo, Gorgoroth, Uearthly entre outras bandas que curtimos muito. Estaremos cada vez mais ligados ao Black Metal desse EP em diante, o Death Metal será cada vez mais raro no Frozen Aeon e esperamos que todos gostem e que tenhamos nosso espaço junto aos grandes tipo o Uearthly, o Mysteriis que são bandas que eu gosto demais além do Grave Desecrator.

HELL DIVINE: Além das influências já previamente citadas nos links da banda (como o Myspace), o que você costuma usar como influência na hora de, por exemplo, escrever uma letra? O seu cotidiano também chega a influenciar na temática da banda?

Alexy: O cotidiano sempre me influencia, andar na rua e ver coisas injustas, igrejas ricas, pobres passando fome, guerras em nome de Deus, tudo isso me inspira a escrever sobre meu ódio contra o cristianismo, contra as religiões e contra a raça humana que é falsa, hipócrita, preconceituosa. Além disso, pesquisei e estudei muito sobre satanismo, cristianismo, guerras além das minhas bandas de cabeça.

HELL DIVINE: Essa pode ser um tanto polêmica, mas é intencional. Afinal, você é um cara sincero, e isso é o que mais importa em uma entrevista – pelo menos em minha opinião. Toda banda já passou por alguma situação irritante, constrangedora ou simplesmente inesperada, seja por causa de algum fã, produtora, condições do ambiente de apresentação, etc. Se sentir confortável para falar disso, cite aqui a pior experiência que a banda já vivenciou desde a sua formação.

Alexy: Cara, não tem coisa mais irritante que tocar na droga de um lugar onde o produtor não te dá nem uma água! Além de tocar de graça em alguns lugares, os desgraçados te tratam como nada. Portanto, depois de algumas experiências desagradáveis, só tocamos se nos pagarem, com bandas de amigos que nos convidarem, lugares que, no mínimo, nos deem uma condição justa. Temos família e gastamos muito para fazermos um show. Outra coisa que eu não suporto são algumas bandas formadas por idiotas que se acham os caras mais f*das do metal. No passado (época do Sworn), eu briguei com duas bandas daqui por causa disso e, por causa dessa desunião na cena, hoje em dia, eu procuro não me enturmar com determinadas bandas, pois sei que no final pode rolar algum tumulto; faço o show e vou embora caso eu não conheça a banda ou não curta o som, assim evito problemas.

HELL DIVINE: Levando em consideração a experiência de ter trabalhado com a Anaites Records, como você vê o relacionamento das bandas e das gravadoras? Você acha que esse ou outro(s) fator(es) – como, por exemplo, na hora de fazer um acordo para uma apresentação em determinada casa – as bandas não são valorizadas como deveriam? É uma pergunta um tanto óbvia, mas gostaria muito de saber sua opinião sobre o assunto.

Alexy: O meu relacionamento com a Anaites é maravilhoso e é só com eles que quero trabalhar no momento e espero que cresçam mais e mais. É claro que eu almejo uma grande gravadora para nos ajudar mais, mas no momento eles ergueram as mãos e sempre serei grato pela dedicação deles com o Frozen Aeon. Uma mão lava a outra e rola muita irmandade entre nós; se todos os selos e gravadoras fossem assim, seria bem melhor. Bom, nenhum lugar trata as bandas como deveriam ser tratadas. No Brasil, o metal é muito desrespeitado e esses produtores específicos só pensam em grana e nada mais. Toda banda tem que receber alguma grana,

pois se gasta grana para tudo. Não é fácil manter uma banda na ativa, principalmente neste país onde esse povo só dá valor a música fácil, lixo comercial e essas porcarias de estilos para um povo zumbificado.

HELL DIVINE: É muito comum um músico ter uma letra, canção ou mesmo todo um álbum com o qual se identifica mais por alguma razão pessoal e especial. De todas as músicas que fez, qual é a mais importante para você? Por qual motivo?

Alexy: “A Christ is Dead” (da nossa primeira demo), gosto da letra apocalíptica e blasfema que fiz para ela e o instrumental bem Sodom, além de ter sido a primeira que eu compus sozinho, pois o guitarrista na época só fazia coisa que não me agradavam, então resolvi por a mão e fazer. “Darkness Will Be Reign Forever” (Do EP de mesmo nome) que é nosso retorno ao Black Metal e tem uma letra sem esperança para o cristianismo, um instrumental caótico e insano (música minha também) e, desse último, me identifico e gosto muito da “Total Misanthropy” (de autoria do baixista Helderson/Shagharephy e minha), que tem uma letra muito pessoal e fria.

HELL DIVINE: Essa é uma pergunta um tanto manjada, mas como a diversidade de opiniões é grande, acho válido levantar essa questão mais uma vez: Como você vê atualmente a cena underground/extrema tanto do Rio quanto do país no geral? Acha que ela está boa ou deixa a desejar?

Alexy: A cena em relação às bandas é ótima em todo o país, muita banda excelente e profissional, mas também, em contra partida, temos um público que não compra material das bandas (não são todos), não prestigia os eventos, produtores gananciosos que não valorizam as bandas e gravadoras que não dão a mínima. Além de toda essa molecada que só pensa em baixar músicas, baixar shows e não ajudar em porcaria nenhuma a cena. Uma banda, para se manter, precisa de grana, precisa de um público que a ajude, ainda mais neste país onde o metal é marginalizado e sofre muito preconceito desta sociedade falida. Temos que nos unir contra tudo isso, unidos seremos indestrutíveis.

HELL DIVINE: O que você pode nos informar a respeito das próximas apresentações? Sinta-se à vontade para usar esse espaço para divulgar tudo o que achar pertinente a respeito do Frozen Aeon.

Alexy: Estamos amadurecendo em tudo. Quanto mais retorno de público e mídia especializada nós tivermos, muito mais investiremos. Então, nossos shows serão mais caóticos e com todos os aparatos que uma banda de Black Metal ao vivo deve ter, usaremos mais sangue, corpse paints, em alguns lugares fogo e muita blasfêmia. Vendo um show do Mysteriis e Uearthly por aqui eu sempre penso que é assim que as bandas deveriam ser, além de outras bandas fantásticas também. Nunca copiaremos ninguém, somos influenciados, mas copiar nunca.

HELL DIVINE: Grande amigo, obrigado mesmo por tudo! Tanto pela paciência quanto pela generosidade em me ceder o novo EP para conferir. As últimas palavras são suas.

Alexy: Eu que lhe agradeço pelo apoio, é uma honra falar para a HELL DIVINE. Você foi uma das primeiras pessoas a receber o EP (risos) e eu e o Frozen Aeon só temos a te agradecer pela oportunidade de divulgar nossa praga. Quem sabe temos ajuda de sairmos do RJ para shows em outros estados do Brasil e, em dezembro, já gravaremos nosso último EP antes do nosso Full Length que deve sair em 2013. Muito obrigado e até a próxima.

Por Yuri Azaghal.

EDU NASCIMENTTO

TATUADOR

67294
A ARTE
EXTREMA
67294



A HELL DIVINE resolveu inovar seu conteúdo e traz nessa edição uma entrevista com o tatuador Edu Nascimento. Provavelmente, você já deve ter visto o nome dele associado a alguma banda de Metal ou algum artista tatuado por ele. Como o próprio slogan diz: “arte extrema para pessoas extremas”. Conversamos com ele para saber um pouco sobre sua carreira e entender essa proximidade com o Metal. Confira!

HELL DIVINE: Fala Edu, é um prazer tê-lo em nossas páginas! Conte-nos um pouco como é seu trabalho e como tudo começou.

EDU: Primeiramente, queria agradecer pela entrevista e o espaço para falar sobre meu trabalho. Eu tatuo desde 1999, mas há bastante tempo vinha com esse desejo, pois já gostava da arte e desde moleque sempre gostei desenhar, sendo um grande passa tempo. Sempre quis aproveitar meu dom como atividade profissional e foi questão de tempo até surgir a oportunidade. Sempre fui envolvido com bandas e, por alguns anos, fui vocalista do Painfaction e conheci muita gente na cena. Mesmo antes de curtir metal, meu gosto por desenho sempre foi uma linha mais dark e foi natural ser headbanger com um gosto desses (risos).

HELL DIVINE: Antes de ter a ideia para essa seção, lembro-me de ter visto seu nome ou logotipo ilustrado em alguns encartes de discos de algumas bandas de Metal que eu curto. Como começaram essas parcerias?

EDU: Bom, o primeiro músico que tatuei foi o Cristiano, que tocou comigo no Painfaction e hoje é um dos vocalistas da Gangrena Gasosa. Ele me apresentou ao Fabio e ao Fabricio, irmãos que tocavam no Imago Mortis e estavam abrindo um estúdio de tattoo no Bairro da Tijuca (RJ). Ajudei a fundar a sociedade alternativa Tattoo Piercing Arte Visual, e como muita gente na cena aparecia lá, acabamos tendo a ideia de um projeto para apoiar a cena e convidando algumas bandas amigas para uma troca de divulgação e apoio, nessa leva estavam, além do próprio Imago Mortis, Avec Tristesse, Uzomi, Venin Noir, Trinity, Andralls, Tribuzy, Nordhein, Mysterris, Critéria, Malleus, Horned God e muitos outros. Anos depois, já em meu próprio estúdio, convidei o Uearthly para uma parceria e, a partir daí, uma grande amizade com o Felipe e o Mictian nasceu. Ganhei um prêmio com a tatuagem de fechamento de peito do Felipe e o Mictian me deu uma força durante uns meses no estúdio. Por meio deles veio o pessoal do Lacerated And Carbonized, Forceps, Cold Blood, além de Peristaltic Moviment, Max Do Confronto e a galera do Vociferatus.

HELL DIVINE: Além de ser tatuador profissional, você mexe com ilustração gráfica também? Faz arte para capas para discos ou algo do tipo?

EDU: Não digo que faço isso profissionalmente, porque nem tenho tempo para me dedicar, mas estou sempre fazendo algo à medida que surge algum convite. Assim foi a capa do encarte do “Flagellum Dei” do Uearthly com direito a participação na música “Limbus”, na qual eu toco um instrumento australiano chamado didjeridoo com um ótimo resultado. Atualmente, estou fazendo a capa do EP do Domination.

HELL DIVINE: Recentemente, saiu um vídeo de você tatuando o atual baterista do Sepultura, Eloy Casagrande. Esse tipo de divulgação repercutiu bem para o seu trabalho? Quais outros artistas do Metal você já tatuou?

EDU: Ah, foi muito legal! Temos amigos em comum e entrei em contato com o Eloy, pois como um fã de Sepultura

(minha banda número 1), era uma forma de homenagear, dizer que o cara é bem vindo à banda, pois toca muito e é muito profissional. E ao vê-lo sempre nos shows sem camisa e sem uma tattoo, sabia que aquele visual tinha que mudar (risos). Mas a intenção não foi a repercussão, e sim uma homenagem a banda que eu mais admiro, mas, de fato, foi um sucesso a repercussão. Até no site Blabermouth o vídeo virou notícia. Sobre outros músicos que tatuei além dos que citei na outra pergunta, posso mencionar quem eu não tatuei, mas ainda terei oportunidade: Lord Ariman do Dark Funneral. O Lucas, baixista do Vociferatus, mostrou algumas artes que fiz e ele ficou muito a fim de tatuar comigo. Conversamos muitas vezes durante alguns meses e combinamos no dia do show que ia rolar no Rio, mas, infelizmente, por culpa do cancelamento do show, a banda precisou mudar todo o planejamento e ele bem chateado de não poder fazer, mas teremos outras oportunidades.

HELL DIVINE: A maioria dos tatuadores costuma ouvir um som enquanto trabalha. Que tipo música você coloca nesses momentos?

EDU: Ultimamente, o que mais tocou foi o novo do Soulfly, tudo do Sepultura. Gosto das duas fases Gojira, Napalm Death, Nevermore, Uearthly, Krisiun, Destruction. Outra coisa legal é sempre estar escutando as musicas novas antes mesmo de ser lançado.

HELL DIVINE: Todo tatuador odeia tatuar certo tipo de desenho. O que você não suporta mais fazer? E qual é o estilo que sente mais prazer em tatuar?

EDU: As pessoas, hoje, me procuram muito mais para ter uma arte minha do que chegar com desenho pronto e isso é muito bom. O estilo que eu não gosto de fazer é tribal, mas eu nunca neguei de fazer uma tatuagem, a minha intenção é sempre fazer uma grande arte.

HELL DIVINE: Obviamente, você se inspirou em alguns artistas para começar sua arte. Quais são suas maiores influências na parte artística?

EDU: Gosto muito de Hr.Giger, Michael Whellan, Dan Seagrave, os tatuadores Paul Booth e Nick Baxter, alguns designers gráficos como Gustavo Sazes, Raphael Gabrio, Travis Smith Anton Anton Seth Siro e o próprio mundo em que vivemos que é lindo e podre.

HELL DIVINE: Desejamos sorte para você Edu, obrigado pela entrevista. Para quem se interessou pelo seu trabalho, como fazer para te encontrar?

EDU: Um grande abraço para todos da HELL DIVINE que fazem um grande trabalho junto à cena, um abraço para todos e quem ficou curioso visite o site edunascimenttotattoo.com e entre em contato ou na página oficial do Facebook.

Por Pedro Humangous.



SEM FRONTEIRAS
PARA CRIAÇÃO

KAMALA

Mais um fruto de nosso fértil underground, a banda Kamala, vinda de Campinas/SP já pode contar alguns ótimos feitos nesses anos de batalha. Dando mais um passo nesta direção, eles acabam de lançar o terceiro álbum de estúdio intitulado "The Seven Deadly Chakras". Ousando na criatividade e sem fronteiras para criação, o vocalista Raphael Olmos, vem nos trazer algumas palavras de mais essa promessa do Trash!

HELL DIVINE: Meus caros, como estão? Apesar de já terem alguma visibilidade, conte-nos um pouco da trajetória da banda até aqui.

Raphael: Tudo bem corrido, mas aquela correria que sempre buscamos, devido ao crescimento da banda. Bom...a banda foi formada em 2003 e, recentemente, lançamos nosso terceiro álbum "The Seven Deadly Chakras". O importante é que a cada lançamento sentimos que estamos no caminho certo, sempre conquistando novos fãs e abrindo novas portas. E podemos garantir que isso é só o começo!

HELL DIVINE: Digam o que percebem musicalmente no Kamala no novo trabalho "The Seven Deadly Chakras"? Quais mudanças sonoras percebem?

Raphael: Sentimos que a cada lançamento estamos registrando a nossa evolução. O primeiro álbum foi totalmente direto e furioso. O "Fractal", trouxe um lado com mais grooves, melodias e peso. O novo álbum traz uma mistura dos anteriores e, ao mesmo tempo, novos elementos, como um lado mais progressivo da banda e alguns elementos eletrônicos.

HELL DIVINE: As mudanças de line-up são um pouco responsáveis por isso? Mesmo sendo poucas desde o último álbum?

Raphael: De fato, a cada mudança na formação, sempre algo novo é acrescentado. Esperamos que um dia consigamos repetir a mesma formação em vários álbuns (risos), porém, cada vez demandando mais tempo para se dedicar à banda, não são todos que aguentam. Então, preferimos dar um passo para trás para dar muitos para frente e continuar buscando o crescimento do Kamala. A principal mudança foi quando o Andreas (Dehn, guitarrista) entrou para a banda, trouxe mais a parte de arranjos e melodias. Com certeza, com a entrada do Diego no baixo, hoje podemos falar que temos a melhor formação do Kamala e isso vai refletir no quarto álbum, cujos trabalhos já iniciamos.

HELL DIVINE: Falem um pouco da arte da capa e encarte, que ficaram muito boas!

Raphael: A arte ficou por conta, novamente, do Luiz Moura (guitarrista do Thriven), que cuidou dos dois primeiros álbuns

também e ficou simplesmente fantástico. Quem pegar o CD físico em mãos, vai perceber durante as 24 páginas do encarte. Contamos também com a modelo Bruna Vieira e o fotógrafo Humberto de Castro. Quando chegamos ao conceito do álbum, sabíamos que a melhor forma de representar seria com um corpo nu. Conhecemos a Bruna quando uma música nossa foi trilha sonora de um filme da Xplastic (produtora pornô). Então, naturalmente, começamos a manter contato. Logo que chegamos ao conceito, ela foi a primeira pessoa que veio a nossa mente, pois já tínhamos o contato e ela tem um visual muito forte, com várias tattoos. Apresentamos o projeto para a Bruna e ela gostou muito.

HELL DIVINE: Por falar em conceito de arte, poderia comentar um pouco sobre conceito do novo álbum? Vocês juntaram "filosofias" orientais e ocidentais e tornaram algo bem interessante e que nos instiga a saber o que quer dizer nas letras.

Raphael: Bom, sempre mesclamos o lado ocidental com o

oriental, seja na arte e nas músicas. Isso vem graças ao nome da banda, que vem do hinduísmo. A temática do álbum gira em torno do número 7, e o principal tratado são os sete pecados capitais e os sete chakras do corpo humano. Um lado busca o equilíbrio e o outro tentar quebrar isso. Foi um álbum que teve muito estudo por trás, e buscamos passar o tema exatamente em cada faixa, tanto nas letras, quanto na parte instrumental.

HELL DIVINE: Voltando à sonoridade, há mais elementos eletrônicos neste álbum que no anterior, não? Muitas vezes os tacham como Thrash moderno ou algo nessa linha... Sei que ninguém gosta de rótulos, mas como chegam a este consenso na composição? Como compõem?

Raphael: Buscamos colocar o que a música pede, não ficamos presos a um estilo apenas. Tudo é bem natural, pois se você forçar certos elementos, simplesmente não funciona e perde o sentido. No novo álbum, a faixa mais presente com elementos eletrônicos é a "Heart", que trata do chakra do coração e nada melhor do que batidas fortes para passar isso. A música começa tranquila e depois vai ficando mais intensa, como se tivesse tendo um ataque cardíaco.

HELL DIVINE: Vocês soltaram um videoclipe, recentemente, da música "Solar Plexus" e já vi que há bastante visualização neste curto período de lançamento. Como foi esse trabalho?

Raphael: O vídeo novamente foi produzido pelo Studio Kaiowas, mesma produtora responsável por todos os clipes do Kamala. Esco-lhemos a "Solar Plexus", pois ela mostra esse amadurecimento musical. É uma faixa que tem muito groove, peso, melodias, passagens mais trabalhadas e traz o Andreas fazendo o vocal limpo, mais um novo elemento que somamos ao Kamala. O clipe foi visto em mais de 70 países, vem tendo um bom número de plays e os fãs/mídia têm elogiado bastante.

HELL DIVINE: Nós, como headbangers, sempre torcemos para que mais e mais bandas realmente consigam adentrar

ao grande circuito, tocar ao lado de bandas consagradas, como muitas vezes ocorre nas gringas. Por que acham que isso não ocorre no Brasil? Apesar de a cena brasileira ser forte, falta algo, não?

Raphael: Isso não ocorre no Brasil por muitos fatores. Falta o interesse real dos produtores em valorizar mesmo as bandas que fazem um bom trabalho. Um bom evento precisa de bons equipamentos, de uma equipe técnica, ou seja, de uma boa estrutura em geral. Não estamos falando de nenhum investimento absurdo, e sim de algo que seja viável, mas falta essa visão. E o outro fator é a falta de apoio do público nos eventos nacionais. É tudo um ciclo: o público comparecendo, os produtores valorizando as bandas (como fazem lá fora). Ai, sim, essas turnês com um "pacote" de bandas, pois no fundo, é mais viável e interessante para todos: público, bandas e produtores.

HELL DIVINE: Quais os próximos passos e planejamentos da banda?

Raphael: Os próximos passos são continuar marcando shows por todo o Brasil para divulgação do novo álbum. Estamos também planejando a turnê na Europa para o segundo semestre de 2013 e já conversando com o Studio Kaiowas sobre o próximo clipe do "The Seven Deadly Chakras".

HELL DIVINE: Só tenho a agradecer a disponibilidade da entrevista! Caso queiram falar algo que não tocamos durante a entrevista, fiquem à vontade!

Raphael: Nós que agradecemos o espaço a toda equipe da HELL DIVINE! Para saber mais sobre a banda, acessem www.kamala1.com, onde o fã pode encontrar material exclusivo, músicas, vídeos, agenda, loja virtual e links para nossas redes sociais.

Por Cupim Lombardi.



REIGN IN METAL RECORDS
CDs - DVDs - LPs
NACIONAIS E IMPORTADOS
DESGRACEIRA BRASILEIRA
Seu estado. Sua música. Nossa voz. Cadastre sua banda.
www.reigninmetal.com.br



HELL DIVINE

Against Tolerance @againstofficial
Não confunda TOLERÂNCIA com ACEITAÇÃO.
Expandir

Deus Metal @Deus_Metal
A diferença entre pop rock e heavy metal é como a diferença entre ler JK Rowling e Stephen King \./
Expandir

Edu Falaschi @edufalaschi
6 querem guitarrada na orelha? Nuuuuss!!! 2013!! Vai ser demais!!!! Rifer master rolando aqui!!! Energia pura!! DRIIIIIIIVEEEEEE!!!!!!
Expandir

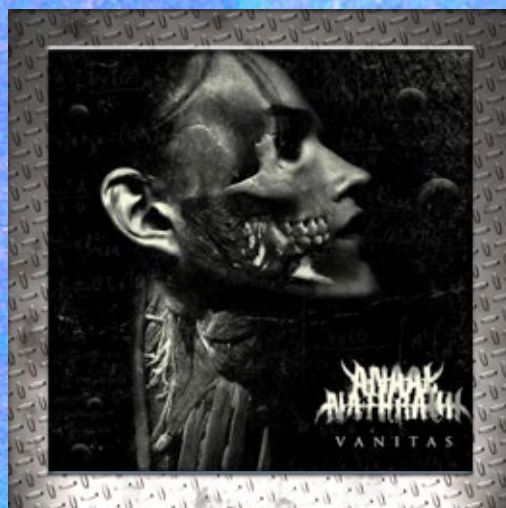
João Gordo @joao_gordo_
é simples ou vc vai atrás ou fica pra trás ... sem contar que quem não tem o que fazer vira fiscal de bosta
Expandir

Kiko Loureiro @KikoLoureiro
uma percepção de que sua obra passa a ser algo universal, muito além do pequeno e egoísta ...
Expandir



EM BREVE AGUARDE!

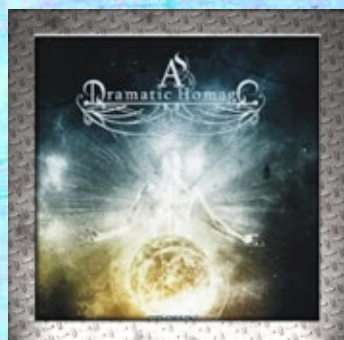
HELL DIVINE



ANAAL NATHRAKH
"Vanitas"
 Century Media

O duo inglês, mais uma vez, lança um álbum simplesmente matador; a mesma fórmula, agressividade sem frescura, é porrada atrás de porrada, sem ter pena de seus tímpanos. Barulhos de insanidade pura e desespero começam a te preparar para o que está por vir na primeira faixa do disco em "The Blood-Dimmed Tide". Depois disso, guitarras rápidas e ríspidas, uma bateria que parece ter sido tocada na velocidade da luz, a serviço do som mais extremo possível. O disco inteiro segue bem essa pegada, mas sem ser enjoado. Em "Forging Towards The Sunset", mesmo com a velocidade extrema normal da banda, temos um lance mais cadenciado, coisa que somente o Anaal Nathrakh é capaz de fazer, como um berro desesperado de 30 segundos no final da faixa. "To Spit The Face", "Of Fire And Fucking Pigs" e todas as músicas desse grande disco merecem destaque, mas para nós, brasileiros, temos "Todos Somos Humanos", uma ode absurda à misantropia, com passagens eletrônicas. Ouçam um dos melhores de 2012 em minha humilde opinião.

Nota: **10**
 Augusto Hunter



AS DRAMATIC HOMAGE
"Crown"
 Independente

Hoje em dia, somos soterrados por lançamentos de todas as partes do mundo. É extremamente complicado acompanhar tudo o que é colocado no mercado. A concorrência é cruel e desleal, poucas bandas realmente se sobressaem e ganham destaque perante as demais. Algumas bandas apostam em um som mais direto e de fácil assimilação. Aqui, o caso é inverso. As Dramatic Homage, banda capitaneada pelo multi-instrumentista e competente Alexandre Pontes, lança um trabalho denso, obscuro e que demora a ser digerido. A banda mostra diversas facetas e mistura os estilos sem medo, tornando difícil a tarefa de rotulá-los. Muitos chamam de Avant-

Garde, mas prefiro encarar o projeto como Dark Metal. A ambientação das músicas é bastante sombria, levando o ouvinte a uma viagem repleta de emoções e sensações inesperadas. Em "Crown" é possível notar um pouco de tudo, explorando quase todos os estilos, sem se perder em nenhum deles. As composições são estranhamente simples e complexas ao mesmo tempo. Alexandre se mostrou bastante versátil e abusou das mudanças dentro das músicas. Em certo momento, somos atingidos por um som maléfico, veloz e denso, sendo que segundos depois podemos ver um dedilhado de violão acompanhado de vozes limpas, criando uma ambientação requintada e surpreendente. A gravação ficou excelente, dando espaço para cada instrumento utilizado. As vozes são muito bem encaixadas e interpretadas, só senti a necessidade de uma voz limpa mais firme – muitas vezes soa frágil. Impossível apontar destaques em um álbum como esse. É o tipo de trabalho que se deve ouvir do começo ao fim e apreciar cada detalhe. Para quem curte as bandas Borknagar, Vintersorg e Opeth, "Crown" é um prato cheio. O Metal nacional carece de mais bandas como essa. Excelente trabalho!

Nota: **8.5**
 Pedro Humangous



CURSED SLAUGHTER
"Metal Moshing Thrash Machine"
 Independente

O brasileiro sempre se mostrou muito receptivo quando o assunto é Thrash Metal. Desde a época do Sepultura, passando pela fase do Bywar, Eternal Devastation e, mais recentemente, com o Violator e o Deathraiser. Somos praticamente um país exportador de talentos. Essa onda de reviver os anos oitenta já não é mais novidade para ninguém e, definitivamente, caiu no gosto do público. O Cursed Slaughter começou suas atividades, em 2009, na cidade de São Paulo, e três anos depois solta seu primeiro registro oficial, o "Metal Moshing Thrash Machine". O disco conta com 12 faixas extremamente velozes, empolgantes e fiéis às raízes. Um Crossover/Thrash Metal de deixar qualquer banger atormentado. É notória a influência dos clássicos como Slayer, Nuclear Assault, Tankard e Testament, tudo muito bem misturado, sem soar como uma mera cópia. Um quesito bem interessante no disco são as inserções de filmes colocadas no início de algumas músicas, criando um clima para as efetivas composições. O álbum foi produzido pelo experiente Clero no DaTribo Studios e o resultado ficou excelente, dando aquela cara de metal das antigas, porém com uma sonoridade totalmente atual. A arte da capa é muito legal e revive o espírito thrasher, que nunca deixou de nos assombrar desde sua criação. O Cursed Slaughter é uma grata revelação do nosso Thrash nacional. Se continuarem nesse ritmo, não vai demorar muito para se tornarem referência mundial.

Nota: **8.5**
 Pedro Humangous



DARKSIDE
"Prayers In Doomsday"
 Independente

O metal no nordeste do país literalmente ferve! Após vários shows abrindo para grandes bandas nacionais e internacionais, a banda cearense Darkside começou a ter notoriedade. Formada em 91, o grupo foi trilhando seu caminho, passo a passo, por meio do lançamento de demos e de um disco oficial, que saiu em 2004. Oito anos depois, sob muita luta, é lançado o "Prayers In Doomsday". O disco é uma verdadeira aula de Thrash Metal, voltado para a escola do Speed, bem na linha do Artillery. Algumas influências de Anthrax também podem ser notadas ao longo do play – ouça "Bubonic" e me diga se não lembra a música "Madhouse"? A gravação ficou muito legal, bastante honesta, evidenciando com clareza cada instrumento – principalmente o baixo encorpado, que normalmente fica apagado na mixagem. As oito faixas do álbum são bem cativantes e empolgam logo na primeira orelhada. Os riffs são inteligentes e marcantes, bem como os vocais agressivos na medida certa, isso sem falar nos solos insanos! A bateria é um verdadeiro triturador e destrói tudo com seu pedal duplo veloz. Ao longo da audição pude perceber um toque sutil de Metal Tradicional da velha guarda, tanto na construção das músicas quanto nas linhas vocais e nas guitarras gêmeas, deixando as composições ainda mais interessantes. Não é à toa que o Darkside vem crescendo exponencialmente na cena, pois seu trabalho está digno, honesto e muito bem feito. O ano está quase acabando, mas isso não é desculpa para deixar de ouvi-los. Vale correr atrás e conferir!

Nota: **8.0**
 Pedro Humangous



EKTOMORF
"Black Flag"
 AFM Records

O Ektomorf já tem uma carreira longa e consolidada, mas sempre marcada por altos e baixos, pois muitos consideram a banda como uma cópia de suas principais influências, dentre as quais se incluem Sepultura e Soulfly. Nesse novo material, a banda não deixou totalmente de lado estas ditas influências, mas é notório que os caras pretendem encontrar uma identidade própria, criando faixas mais variadas e intrincadas, tudo transbordando modernidade, e com o groove já característico de sua sonoridade. A pesadíssima "Unscared" mostra bem essa tendência, com ótimos riffs e um refrão que traz elementos de metal industrial. Já em outros momentos, como "Cut it Out" e "Private Hell", podemos ainda sentir ainda as influências latentes no som do Ektomorf, em especial de Machine Head. Mas, sem dúvida, os melhores momentos do disco ficam para "War is My Way" (que riffs!), "Enemy" (uma pedrada pronta para destruir pescoços) e "Black Flag" (que mostra o quão longe os experimentalismos da banda podem chegar). Há ainda um cover para "The Pretender", do Foo Fighters, que ficou bem mais pesada e energética que a original, embora não traga nenhuma novidade nos arranjos. Ainda não é o disco que fará a banda mudar sua posição de banda média para banda grande, mas mostra que os caras estão no caminho certo. Ouça e comprove.

Nota: **7.5**
 Júnior Frascá



EYEFEAR
“The Inception of Darkness”
Rockstar Records

O Eyefear começou sua carreira como uma desconhecida banda de metal progressivo australiana, que tinha como único chamativo o fato de ter como vocalista Danny Cecati, o cabeludo ex-vocalista do Pegazus. Contudo, ao longo do tempo, os caras foram lançando ótimos discos (em especial “The Unseen”) e chamando a atenção do público headbanger. É neste seu novo registro, os caras seguem a tendência iniciada no trabalho anterior de criar músicas mais pesadas, fugindo um pouco do metal progressivo e se enveredando mais ao Power Metal, embora ainda as faixas contenham arranjos complexos e quebrados, mas não tanto quanto outrora. Neste trabalho, em especial, há um pouco de exagero nos teclados, que deixou algumas faixas com excesso de momentos “sinfônicos”, mas nada que comprometa a qualidade geral do material, pois o trabalho de guitarras é muito bom e

os vocais de Danny continuam excelentes – e agora mais contidos, sem abusar tanto dos agudos (embora ainda consiga atingir tons altíssimos em vários momentos). Cito como destaques a dupla “The Inception Of Darkness Part 1 – Transcending” e “Part 2 – Reborn”, que mostram bem a proposta da banda, mesclando peso, melodia e técnica na medida certa, e trazendo até alguns momentos com vocais guturais. Não se trata, pois, do melhor disco da banda, mas mesmo assim é uma obra de audição prazerosa. Fica a dica.

Nota: **7.0**
 Júnior Frascá



FORGOTTEN TOMB
“And Don't Deliver Us from Evil”
Agonia Records

Sem perda de tempo, Forgotten Tomb lança mais um trabalho. “And Don't Deliver Us from Evil” é uma combinação interessante de melancolia e agressividade, deixando claro que esse novo trabalho da banda pode nos garantir muitas horas de Black Metal muito bem produzido, perturbador e muito profissional. Isso se nota logo na primeira faixa do álbum, com os riffs de influência Doom sendo facilmente perceptíveis. Basicamente, o que melhor descreve esse álbum é “uma explosão de negatividade cuidadosamente planejada de uma forma macabra”. Com quase uma hora de duração, o novo trabalho vem obtendo ótimos resultados. As mudanças bruscas de ritmos em algumas faixas causam uma grande vontade de introspecção e, apesar de toda a “deprê” do álbum, a experiência como ouvinte acaba sendo altamente satisfatória, chegando até mesmo a causar uma pontada silenciosa de euforia. De fato, há uma fusão de elementos que acabam por combinar perfeitamente entre si, tanto no instrumental quanto nas letras. Nada de anormal, já que Forgotten Tomb é uma banda que dificilmente decepciona. Dito isso, sinto-me na obrigação de fortemente recomendar esse álbum para os fãs de DSBM, pois até agora foi o melhor disco do gênero que ouvi no ano. “Cold Summer”, “Let's Torture Each Other” e “Nulifyng Tomorrow” são as minhas sugestões para uma conferir uma amostra desse excelente álbum.

Nota: **9.0**
 Yuri Azaghal



FRADE NEGRO
“Black Souls in the Abyss”
MS Metal Records/Kill Again Records

Mais uma grata surpresa emergindo das profundezas do metal nacional! O Frade Negro, banda de Itajaí/SC, acaba de colocar no mercado seu debut, com uma qualidade poucas vezes vistas em uma banda iniciante. A belíssima capa do material, feita pelo mestre Ed. Repka, pode enganar os desavisados, mas o som dos caras é puro metal tradicional, com algumas pitadas de Thrash metal e muito peso. A música aqui apresentada é simples, mas muito empolgante, graças principalmente ao trabalho do guitarrista Murilo, uma verdadeira máquina de riffs. A cozinha, formada por João Ortiz (bateria) e Strelow (baixo), também segura bem as pontas, deixando o som ainda mais consistente

e pesado. Rodrigo Santos também possui um vocal muito legal, agressivo e energético, apesar de a gravação ter deixado a voz um pouco seca demais, e haja alguns problemas com a pronúncia do inglês, mas nada que desmereça seu ótimo trabalho ao longo de todo o disco. Durante toda a audição do álbum, a banda não dá sossego ao ouvinte, com pedradas certas como “Headbanger” (e seu final totalmente thrash), “Souls in the Abyss” (com cara de clássico), “Black Warriors” e “Forgotten By Gods” (uma das mais legais), ótimas para se ouvir no volume máximo. Sem dúvida, um começo mais do que promissor para a banda que, se continuar nesse caminho, tem tudo para se tornar uma das grandes representantes do heavy metal brasileiro da atualidade. O primeiro passo já foi muito bem dado. Ouça e comprove!

Nota: **8.0**
 Junior Frascá



HEADHUNTER D.C.
“...In Unholy Mourning”
Mutilation / Eternal Hatred Records

Uma das mais antigas bandas do Brasil continua firme e forte, trazendo a podridão e a desgraça tão desejadas pelos sedentos ouvintes. O Headhunter D.C. é uma das bandas mais tradicionais do nosso Death Metal e merece total respeito pela brilhante carreira traçada ao longo dos anos. Mesmo com todas as conhecidas adversidades, o grupo não se deixou abater e acaba de lançar mais um trabalho digno de aplausos. “...In Unholy Mourning” é o quinto disco desses baianos infernais e um dos melhores também. Impossível não começar falando da luxuosa embalagem em digipack, com uma belíssima arte para a capa, além de dois encartes – um tradicional em inglês e o outro traduzido para o nosso idioma. Como se não bastasse, o pacote ainda traz um patch da banda como brinde. Ao todo, são dez faixas do mais puro e insano Death Metal, feito por quem entende do assunto. A qualidade de gravação ficou ótima, deixando tudo em seu devido lugar, podendo ouvir cada instrumento com clareza. Falando no instrumental, a banda destruiu tudo esbanjando técnica e bom gosto nas profanas composições. Porém, torna-se impossível não destacar os vocais matadores de Sérgio Baloff, super competente na forma de vociferar as letras de forma gutural e cavernosa. O Death tradicional se esbarra com leves pitadas de Doom, Black e Thrash Metal, tornando o registro diferenciado e um dos mais interessantes do estilo no ano. O Headhunter D.C. já não precisa provar mais nada a ninguém e crava, de uma vez por todas, seu nome na história do Death Metal como uma das mais resistentes e competentes bandas. Item obrigatório em qualquer coleção. Vida longa ao culto da morte!

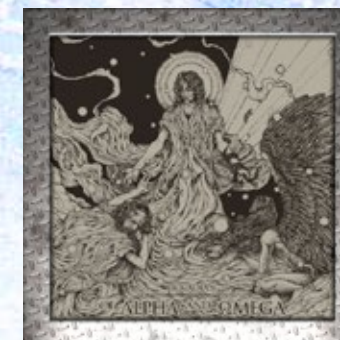
Nota: **9.0**
 Pedro Humangous



ICARUS WITCH
“Rise”
Cleopatra Records

O novo disco dos americanos do Icarus Witch marca uma verdadeira guinada na carreira da banda, pois apenas os fundadores Jason Myers (baixo) e Quinn Lukas (guitarra) retornaram para esse novo disco, trazendo junto os novos integrantes, Dave Watson (guitarra), Tom Wierzbicky (bateria) e Christopher Shaner (vocais). Embora a perda mais considerável pudesse ser o vocalista Matthew Bizilla, que tinha um timbre único e marcou época à frente da banda, um dos grandes destaques desse novo disco é Shaner, que canta muito, embora traga em sua voz maiores clichês do Power/Melodic metal, mas sem exageros. No geral, temos aqui um excelente trabalho, mesclando metal tradicional, Power metal e AOR com maestria, e com um clima bem dark, com faixas ora mais pesadas, como as excelentes “The End” (com um refrão matador, e ótimas guitarras) e “Pray”, e com momentos mais cadenciados e melódicos, em que a banda realmente mostra seu diferencial, em faixas como “Rise”, “Comming out the Storm” e “Tragedy”. Por isso, caro amigo leitor, se você aprecia os estilos mencionados, e ainda não conhece o Icarus Witch, trata-se de uma excelente oportunidade para conhecer uma excelente banda. Mas se você já é fã, ouça sem preconceito, pois os caras continuam mantendo a qualidade, mesmo diante de todas as mudanças sofridas nos últimos tempos.

Nota: **8.0**
 Junior frascá



IKKADIAN
“Of Alpha And Omega”
Independente

Vamos ser sinceros, durante um ano inteiro de lançamentos, poucos discos realmente se destacam e fazem com que você os ouça novamente. Obviamente, muitos trabalhos de qualidade estão sendo lançados, mas aqueles que te prendem mesmo e ganham lugar especial em sua coleção, realmente não são muitos. O Ikkadian é uma banda americana que surgiu há pouco tempo e acaba de soltar seu primeiro trabalho, intitulado “Of Alpha And Omega”. O power trio é formado por John Cornell (guitarras e baixo), Michael Arcane (bateria) e Donny Doss (vocais). Os caras simplesmente devastam seus ouvidos com um Blackened Death Metal muito interessante. A produção e a forma de gravação que escolheram deram um ar mais old school ao som, criando uma identidade própria e dando mais força às composições. Os instrumentos estão bem secos e afiados como navalha,

acompanhados de um vocal poderoso, engasgado e cavernoso, deixando tudo ainda mais extremo. A sensação é de que estamos dentro do estúdio junto com a banda. É notória a facilidade que eles têm de compor e a confiança com que executam cada trecho das músicas. A bateria dita sempre o ritmo dos massacres sonoros, dosando perfeitamente as partes mais velozes e as mais **cadenciadas**. O que chama a atenção são os riffs dobrados de guitarra, sempre acompanhados de perto pelo baixo. As palhetadas precisas e certeiras são de cair o queixo! Não vou mencionar as óbvias influências na sonoridade do Ikkadian, você irá notá-las com facilidade ao ouvi-los. “Of Alpha And Omega” está disponível para download gratuito na página da banda, portanto não perca tempo. Caso seja colecionador, existe a versão limitada, numerada à mão e autografada. Eu já garanti a minha e você?

Nota: **9.0**
Pedro Humangous



IMPERIUM INFERNALE
“Primitivo”
Soul Erazer Distribution

O que dizer do álbum de estreia do Imperium Infernale? “Primitivo” é um álbum um tanto... Primitivo. Claro, no bom sentido. São justamente esses traços mais “tradicionais” do Black Metal que mais me agradam, e não digo isso unicamente nos arranjos e melodias. Embora a sonoridade não seja exatamente crua, ela claramente conserva os traços de agressividade e morbidez, com introduções brutas e diretas, do tipo “menos suspense, mais ação”, o que é comum em bandas que gostam de tocar de forma raw. Os riffs são claros, agindo de uma forma criativa e bem elaborada, sem misturebas e incrementos desnecessariamente excessivos. As letras, por sua vez, estão ótimas, com temáticas variadas e excelentes, o que incrementa muito bem o som da banda. O álbum não é muito longo, mas o trabalho é muito bem feito e satisfatório, fazendo o ouvinte acionar o repeat para

ouvir novamente ao menos mais uma vez. Pessoalmente falando, só as três últimas faixas já fazem o álbum valer a pena. Se você concorda ou não, já é outra coisa, mas, particularmente, achei o álbum mais uma estreia marcante no underground paulistano – ter orgulho do Black Metal da minha cidade não faz de mim xenofóbico, e também não estou me sentindo superior por ser paulistano, então se danem os invejosos.

Nota: **9.5**
Yuri Azaghal



KARYBDIS
“From The Depths”
Independente

A cena inglesa está borbulhando e em forte ascensão. Não se via uma coisa dessas desde a época do NWOBHM, nos anos oitenta. Diversas bandas excelentes estão surgindo por lá e ganhando notoriedade mundial. A londrina Karybdis, definitivamente, é uma delas. Eu já havia tido contato com a música deles há alguns anos quando encontrei o EP “War For Land” em uma loja aqui na minha cidade. Esse ano, resolveram unir suas forças para compor e lançar seu primeiro disco completo intitulado “From The Depths”. O álbum é uma verdadeira paulada na orelha sem direito a aviso prévio. É difícil descrever o som que praticam, mas seria algo próximo a um Thrash Metal moderno e cheio de groove, com algo de Metalcore e Melodic Death Metal. Pense em uma mutação genética entre o Lamb Of God e o The Black Dahlia Murder e terá uma breve noção do que esperar.

Antes de colocar o disco para tocar, não se esqueça de alongar o pescoço, pois o impacto é violento – fico imaginando essas músicas ao vivo... Destruição na certa! Ao todo, são dez faixas que aniquilam seus ouvidos e empolgam do início ao fim. Conseguiram criar uma atmosfera bem legal para cada música, deixando a audição bastante variada e envolvente, te prendendo até o último segundo que o álbum oferece. E por mais que seja mais de cinquenta minutos de música, a sensação é que o tempo passou voando. Abra os olhos para o que acontece naquele pequeno (territorialmente falando) país da Europa e surpreenda-se. A única coisa que me deixou intrigado é o fato de não terem assinado com uma gravadora ainda. Creio que seja questão de tempo. Pouco tempo.

Nota: **9.0**
Pedro Humangous



LICH KING
“Born of the Bomb”
StormSpell Records

Realmente, essa nova safra de bandas que resgatam o Thrash metal dito “old school” tem nos trazido gratas surpresas, e o Lich King é uma delas. Depois do excelente “World Gone Dead”, os caras voltam para este seu excelente quarto disco, uma verdadeira pedrada, e forte candidata a um dos melhores discos de Thrash metal do ano. E, por incrível que pareça, os caras conseguiram lançar um disco ainda mais agressivo e brutal que seus antecessores, transbordando fúria em cada uma das suas dez músicas, que trazem tudo aquilo que o fã do estilo espera: uma aula de riffs de guitarra, cozinha precisa e técnica, e vocais insanos, ora mais guturais, ora mais gritados. Assim, faixas como “We Come to Conquer”, “Wage of Slave” (com forte influência de Slayer), “In the End

of Devastation” (repleta de quebradas brucas de bateria), e “Agnosticism” (cadenciada e pesadíssima) já podem ser consideradas facilmente algumas das melhores faixas já compostas pelos caras. Há ainda um cover muito legal para “Agents of Steel”, do Agent Steel, na qual a banda conseguiu incorporar suas próprias características à música. Portanto, se você procura por música pesada de boa qualidade, e por um disco intenso e vigoroso do começo ao fim, pare de procurar e aperte já o play em “Born of the Bomb” e comprove que o Lich King é uma das melhores bandas novas de Thrash metal da atualidade.

Nota: **9.0**
Júnior Frascá

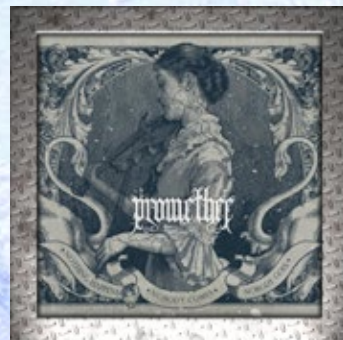


MEMORAIN
“Evolution”
AIS Records

Desde o início de suas atividades, há mais de dez anos, o Memorain sempre chamou a atenção do público Thrasher por incluir em seu line up grandes estrelas do cenário metálico (para se ter uma ideia, participaram dos discos anteriores da banda músicos como Jeff Waters, Nick Menza e James Murphy). Mas dessa vez, o líder Ilias Papadakis se superou, pois o supergrupo montado para essa nova empreitada da banda chega a assustar: na bateria, Gene Hoglan (Fear Factory, ex-Dark Angel, ex-Strapping Young Lad, etc), no baixo Steve Digiorgio (Sadus, ex-Death, ex-Testament), na guitarra, junto com Ilias, Ralph Santolla (Obituary, ex-Deicide, ex-Iced Earth), e nos vocais Chris Valagao (Zimmers Hole, Mechanism). Além disso, o álbum ainda conta com as participações especiais de

David Ellefson, Tim “Ripper” Owens (em uma performance matadora na faixa “Rules of Engagement”), Jeff Waters, Christian Wentz, Marc Pattison, Laura Christine e Carlos E. Perez. E o resultado não poderia ser melhor, pois temos aqui um verdadeiro petardo do Thrash metal, pesadíssimo e muito técnico, e com forte influência de Power metal, tudo exalando brutalidade e precisão. Todas as 12 músicas presentes no disco são excelentes, com ótimos riffs e linhas vocais fantásticas, mesclando as fases iniciais do estilo com toques mais modernos, o que criou uma sonoridade bem ríspida, orgânica e interessante. Mas o grande destaque mesmo fica para a cozinha, já que Gene e Steve formam uma dupla incrível, com passagens complexas e intrincadas, mas sem deixar de lado o peso e a musicalidade. Se você é fã de Thrash metal (old school ou moderno) ou mesmo de um Power metal mais “pesadão”, eis aqui um disco de audição indispensável.

Nota: **8.5**
Júnior Frascá



PROMETHEE
“Nothing Happens. Nobody Comes, Nobody Goes.”
Bad Mood Records

Segundo a mitologia grega, Prometeu teria criado os homens usando água e terra, além de ter roubado o fogo de Zeus e dado aos mortais. Milhares de anos depois, a banda suíça Promethee brinda os homens da atualidade com sua música instigante, complexa e brilhantemente desenvolvida por meio das dez faixas que compõem o álbum “Nothing Happens. Nobody Comes, Nobody Goes”. O grupo foi formado, em 2008, e de lá para cá vem se consolidando gradativamente no cenário local e mundial. O segredo do sucesso talvez seja sua autenticidade ao praticar um som atual, multifacetado, intrincado, porém bastante cativante. De forma quase imperceptível, conseguem colocar lado a lado suas maiores influências, caminhando juntas. Uma forte base Hardcore é pega

de surpresa variando em linhas progressivas super técnicas, tudo envolto em uma camada extrema de peso. As guitarras contam com uma distorção absurda, graças à sua afinação baixa. Contudo, não deixaram de lado o teor de melodia, que desempenha um importante papel no resultado final. Os vocais abrilhantam ainda mais o disco, abusando do rasgado repleto de desespero e ira. A capacidade que eles têm de criar canções atmosféricas é digna de aplausos – ouça “Of Loss And Disgust” e “Sickness Unto Death” e comprove. Veja bem, estou acostumado a ouvir centenas de discos dos mais diversos estilos durante o ano todo. Poucos surpreendem tanto na primeira audição como este. E a cada novo giro que o álbum recebe, mais interessante ele fica. Fiquei surpreso, atordoado e encantado com som do Promethee. Não deixe de ouvi-los, de forma alguma!

Nota: **9.0**
Pedro Humangous



SILENT CELL
“The Absence Of Hope”
Independente

O Metal no Brasil e no mundo sofre uma constante mutação, sempre em busca de apresentar algo novo, híbrido e diferente. Estamos diante de uma revolução da nossa cena, com novas e ótimas bandas surgindo a cada momento. Elas estão engajadas e fortemente armadas, prontas para ação. Inesperadamente, você se depara com uma banda formada, com um ótimo disco em mãos, totalmente profissional e muito promissora. Esse é o caso do Silent Cell. Nascida em Bragança Paulista (SP), no ano de 2010, o grupo formado por Marco “Horror” De Sordi, Michael Matt, Marcelo Leme e Adonai Teixeira, já chega com cara de veterana. “The Absence Of Hope” é

o primeiro registro oficial e mostra uma banda com uma roupagem um pouco diferente e, de certa forma, ousada. A aposta é feita por meio de muito peso contrastando com uma pegada mais acessível, guitarras pesadas aliadas a vozes melodiosas. Ao todo, são dez músicas muito bem compostas e gravadas, onde é possível traçar certa semelhança com as declaradas influências de Slipknot, Stone Sour e In Flames. Logo nos primeiros minutos, o som do Silent Cell me lembrou um pouco dos brasileiros do Trayce, com uma proposta parecida entre eles. Ao mesmo tempo em que tudo aqui soa bastante agressivo, ainda é possível notar uma característica bem “mainstream”, com toques de música industrial, baladas puxando para o pop rock – como é possível conferir na faixa “In The Absence Of Hope”. Ao final da audição do disco todo, chegamos à conclusão de que o Silent Cell sabe o caminho que quer trilhar e, definitivamente, está no rumo certo. A proposta da banda é totalmente atual, moderna e certa. Mais uma excelente banda que brota de nossas terras!

Nota: **8.0**
Pedro Humangous



SOULSPELL
“Hollow's Gathering”
Hellion Records

Ainda me lembro bem da felicidade que tive ao ouvir o primeiro disco do SoulsPELL. Afinal, não era comum ter uma Metal Opera feita no Brasil e com tantos músicos de peso envolvidos. “Legacy Of Honor” foi um tremendo sucesso, contando com a participação dos melhores vocalistas brasileiros da atualidade. Em “Labyrinth Of Truth”, o projeto tomou proporções ainda maiores, tendo performances de músicos consagrados mundialmente. Agora, com “Hollow's Gathering”, o SoulsPELL parece ter atingido seu ápice criativo e um amadurecimento completo em termos de composição, tanto musicalmente quanto liricamente, alcançando um balanço perfeito entre os dois trabalhos anteriores. Heleno Vale é o grande mentor dessa grande obra de arte e guia com

maestria tudo o que envolve esse ousado e bem sucedido projeto musical. Inicialmente, o SoulsPELL era comparado aos primórdios do Avantasia, mas ambas as bandas evoluíram e moldaram sua sonoridade com o tempo, tornado-se distintas entre si. Esse novo álbum é bastante ambicioso, épico e muito bem construído. As músicas estão mais trabalhadas, abusando de experimentações e troca de andamentos dentro de cada faixa, deixando a audição muito agradável e bem interessante. Há uma dosagem perfeita entre a velocidade e momentos mais calmos, além da alternância dos vocais femininos e masculinos, melódicos e agressivos. O disco, como um todo, está mais denso e menos direto. É preciso algumas ouvidas para entender a proposta. Mas assim que assimiladas, as músicas crescem a cada nova audição e “Hollow's Gathering” mostra-se um belíssimo disco! Impossível não destacar a presença de Blaze Bayley e Tim Ripper Owens que, ao lado de Mario Pastore, Nando Fernandes e Carlos Zema, simplesmente destroem tudo por meio de faixas como “Hollow's Gathering”, “The Keeper's Game” e “The Dead Tree”. Um excelente lançamento que nos enche de orgulho. Além da aquisição deste lançamento, acaba sendo obrigatório ter a trilogia completa, pois vale cada segundo da audição!

Nota: **9.0**
Pedro Humangous



STAMPKASE
“Mechanorganism”
Independente

Formada no ano de 2003 na Ilha de São Miguel em Portugal, a banda Stampkase veio ao longo dos anos acumulando experiência para que, finalmente, em 2012, pudesse lançar seu primeiro trabalho oficial, o “Mechanorganism”. Podemos notar logo nos primeiros acordes que o grupo está maduro e com um som afiadíssimo. O estilo praticado nas dez faixas do disco é bastante variado, sendo normalmente intitulado de Modern Metal. Isso significa que buscaram uma roupagem mais atual, agregando os valores dos mais diversos estilos, utilizando-se de bastante groove, ritmos quebrados, guitarras com afinação baixa, sintetizadores e vocais totalmente inesperados – indo do cantado ao rasgado com extrema facilidade. O mais legal da banda é a capacidade de transitar

por momentos leves e pesados com total maestria, sem que haja um choque entre eles. As músicas são fortes e com características muito próprias, cativantes logo no primeiro momento da audição. Os riffs de guitarra são definitivamente o destaque e o maior poder de fogo do Stampkase. Extremamente distorcidos e construídos de forma que viciam e grudam na mente sem piedade. Destaque para a última e assustadora música, que leva o mesmo nome do disco. A produção e gravação de “Mechanorganism” ficaram impecáveis, deixando tudo em seu devido lugar e dando mais brilho às composições. A arte da capa, criada pelo renomado Colin Marks (que já realizou trabalhos para o Exodus, Suicide Silence, Aborted, etc), fechou o álbum com chave de ouro. Portugal entrou definitivamente para o cenário mundial como um dos expoentes quando se trata de Metal de qualidade. Um belíssimo registro, que certamente vale a audição e aquisição do material!

Nota: **8.5**
Pedro Humangous



TRUE
“Riders Of Doom”
Over Sonic Music

O Death Metal atualmente recebe uma carga absurda de técnica e velocidade que chega a assustar. As bandas estão em busca da extremidade máxima, da fusão de estilos e da criação de algo novo. Remando contra a maré, a banda curitibana True acaba de lançar seu primeiro trabalho oficial chamado “Riders Of Doom”. Um Death Metal mais tradicional, com construções mais retas e simples, apostando no peso e nos ritmos mais cadenciados. O grupo investe em uma roupagem calcada nos primórdios do estilo, misturando a escola americana com a europeia de se fazer o Metal da morte. As composições são interessantes, uma mescla de Thrash com Death e uma pitada de Doom, que tornam o disco bastante prazeroso de se ouvir. O vocal aposta em linhas menos cavernosas e mais audíveis, puxando para o rasgado em vez do gutural podião. O som do True me fez lembrar os brasileiros do Torture Squad e do Krisiun, o que é ótimo como referência. A gravação ficou muito boa, principalmente pelo destaque das linhas de baixo, dando aquela enorpada primordial no som. As faixas são bastante lineares e empolgantes, só senti falta de solos de guitarra para dinamizar ainda mais as músicas. Destaque para “Forget In Hatred” e “Obliteration” pelas mudanças de ritmo frequentes e riffs muito bem construídos. A arte da capa, feita pelo renomado Jobert Mello, só veio para abrihntar ainda mais esse trabalho. O True mostra que tem grande potencial no cenário nacional e, se continuarem nesse ritmo, é provável que se tornem um dos expoentes do estilo.

Nota: **8.0**
Pedro Humangous



RATTLE/HELL'S THRASH HORSEMEN
“Pain is Inevitable”
Holocaust/Headcrusher

Em termos de Thrash Metal o Brasil está muito bem representado. Não é de hoje que o estilo possui grandes bandas e excelentes lançamentos, e a cada ano surgem novas bandas para comprovar isto. O Rattle, em parceria com a banda russa Hell's Thrash Horsemen, lançou o split “Pain is Inevitable”, apresentando um total de doze faixas despejando grandes doses de violência, duas delas covers, um do Testament (“The Preacher”, feita pelos russos) e Sepultura (“Mass Hypnosis”, Sepultura, pelo Rattle), em versões corretas e bem executadas. As duas bandas se igualam no quesito qualidade, destacando “Drinking Blood” do Rattle, tocada numa velocidade absurda e empolgante e “My Feeling to the Past”, do Hell's Thrash Horsemen. A diferença entre as bandas está no método de composição, onde os russos preferem trabalhar com mais melodias e ritmos cadenciados, enquanto o Rattle não poupa na sujeira e na rapidez. “Hell of the Living Dead” do Rattle começa com trechos do filme “Dawn of the Dead”, dando o clima necessário pra porradaria tomar conta... “Quando o inferno estiver cheio, os mortos andarão sobre a Terra”. Nada mais apropriado, não é mesmo? Indicado sem restrições aos thrashers!

Nota: **8.0**
Macon Leite

THE MAN BEHIND THE ARTWORK

CADIESART

VISIT CADIESART WEBSITE AT
WWW.CADIESART.COM

THE ART OF CAIO CALDAS

You'll find:
MySpace Layouts, Logos & Symbol,
CD Covers, Full CD Packages
Design, Adverts and also all the
ArtWorks FOR SALE!

contact@cadiesart.com
(11) 9632-0826 | cadiesart@hotmail.com

Digital ArtWork

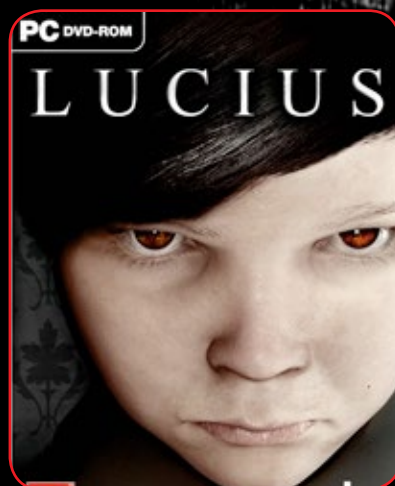
CADIESART

Digital ArtWork

CONFIRA AS ARTES DISPONÍVEIS
À VENDA NO SITE!

CadiesArt Copyrights © 2009-2011 - Todos os direitos reservados





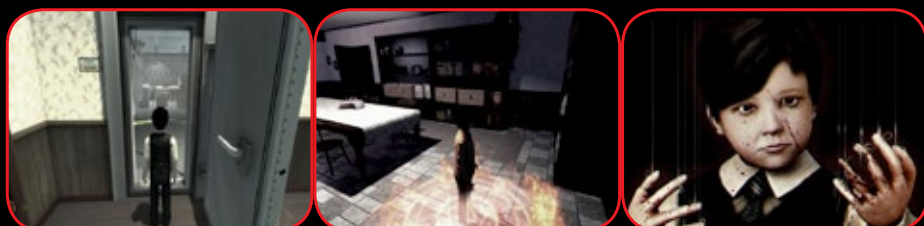
LUCIUS
Shiver Games
PC

Recentemente lançado, "Lucius" é um game do tipo horror/stealth em terceira pessoa lançado exclusivamente — pelo menos até agora — para PC. Baseado no roteiro do clássico filme de horror "A Profecia", você jogará com Lucius, um garoto de seis anos que é a encarnação do anticristo na Terra. O jogo se passa na enorme mansão de sua rica família adotiva, e seu objetivo é assassinar todos os membros da família sem ser capturado, de acordo com as instruções de Lúcifer, seu querido papai. Os métodos de assassinato consistem em armadilhas e objetos simples que Lucius coletará para realizar seus intentos. O jogo também conta com um mini sistema de RPG, permitindo que o jogador desenvolva habilidades sobrenaturais conforme mata as vítimas, passando de nível, ganhando, assim, dons como telecinésia, apagar

memórias, etc. Obviamente, não possui grande originalidade no enredo ou gráficos assustadoramente perfeitos, mas a diversão é garantida.

Gráfico: **8.0**
Jogabilidade: **9.0**
Som: **9.0**
Enredo: **8.0**
Diversão: **9.0**

Por Yuri Azaghal



PARANORMAL
Independente
PC

Com o intuito de recriar a ambientação de medo vista em "Amnesia", "Paranormal" dá ao personagem a oportunidade de entrar na pele de um caça-fantasmas de verdade, investigando um intenso e perigoso nível de assombração dentro de uma casa. Cômodos incrivelmente escuros, efeitos sonoros intensos e constantes eventos bizarros irão garantir momentos inesquecíveis de adrenalina e pavor. A jogabilidade é um tanto simples, mas isso não é um problema, já que o jogo é pouco interativo. Um ótimo ponto é que os eventos de sustos são randômicos, o que torna o jogo totalmente imprevisível, apesar dos objetivos lineares. "Paranormal", com certeza, não é um jogo para corações fracos ou pessoas sensíveis, pois, sem exagero, posso afirmar que ele faz "Amnesia" ser uma brincadeira de criança.

Gráfico: **9**
Jogabilidade: **9.0**
Som: **10**
Enredo: **9.0**
Diversão: **10**

Por Yuri Azaghal



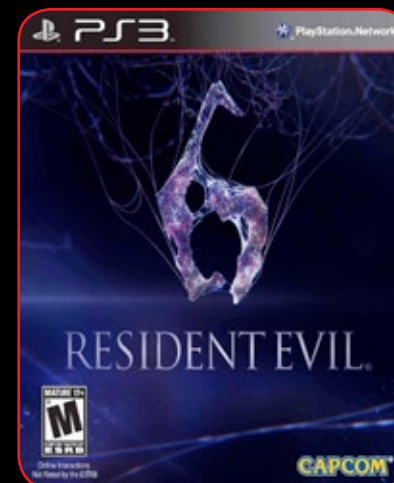
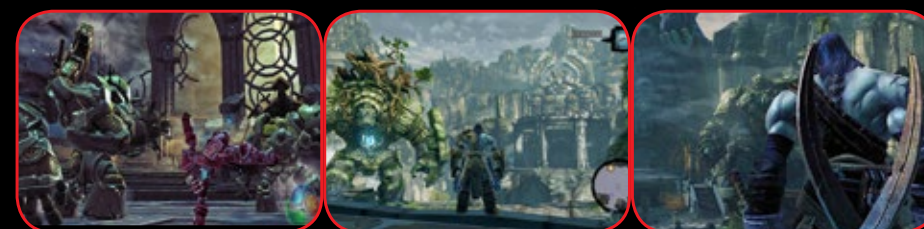
DARKSIDERS 2
THQ
PS3/XBOX 360/PC

Darksiders 2 é um game do tipo Hack n' slash com elementos de RPG, publicado pela THQ, sendo a sequência direta do primeiro game lançado em 2010. O jogo começa exatamente após o final de seu antecessor. Nesse título, você controlará o cavaleiro Morte, tendo a missão de encontrar o seu irmão Guerra (o protagonista do primeiro jogo) e provar sua inocência em relação a quebrar a neutralidade e se aliar ao plano dos Demônios. O jogo dispõe de uma boa quantidade de armas e habilidades que vão sendo ganhas enquanto o personagem vai ganhando níveis. Os pontos negativos do jogo são que Darksiders 2 não oferece desafio, sendo um jogo fácil. Outro fator que contribui para a negatividade do jogo é que ele é lotado de side quests, deixando-o incrivelmente extenso e enjoativo facilmente. Dotado de ótimos

gráficos, jogabilidade boa, som realista e um enredo interessante, é um jogo indicado para os mais pacientes.

Gráfico: **10**
Jogabilidade: **9.0**
Som: **9.0**
Enredo: **9.0**
Diversão: **8.0**

Por Yuri Azaghal



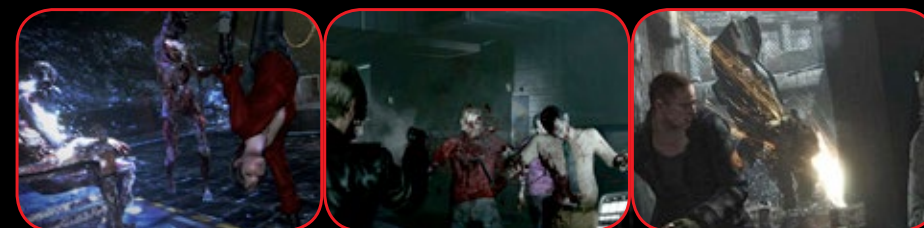
RESIDENT EVIL 6
Capcom
PS3/XBOX 360/PC

Finalmente completo e disponível. A Capcom lançou a sexta sequência oficial de uma de suas mais aclamadas sagas. Resident Evil 6 é dividido em três campanhas, cada uma contando com uma dupla de personagens clássicos da saga, fora um novo personagem e uma campanha secreta, que é aberta como um extra após o encerramento do jogo. Graficamente, o jogo é a mesma coisa de RE5, apesar de uns notarem melhoras e outros pioras. O game tenta voltar a suas origens combinando antigos elementos dos primeiros jogos com "o novo Resident Evil", como passou a ser chamado a partir de RE4. Apesar do grande esforço, a parte horror do jogo continuou decepcionando os fãs. Apesar de não ser um jogo ruim em sentido algum, RE6 é a prova definitiva que o game se tornou definitivamente um jogo de ação e,

pelo jeito, não pretende voltar totalmente às origens. Se esse detalhe é completamente irrelevante para você, RE6 ainda é uma ótima recomendação.

Gráfico: **9.0**
Jogabilidade: **9.0**
Som: **10**
Enredo: **9.0**
Diversão: **8.0**

Por Yuri Azaghal



RAFAEL TAVARES

Nessa edição, a coluna Covering Sickness entrevista Rafael Tavares, ilustrador e designer. O cara fez trabalhos insanos para bandas como o The Ordher, Occultan, Nervochaos e outros. Vamos explorar toda a insanidade e obscuridade dessa mente muito talentosa que trabalha em nome do Metal.

HELL DIVINE: Vamos começar com a pergunta mais básica de todas: quem são suas inspirações e por que você começou a trabalhar com isso?

RAFAEL TAVARES: Eu sempre me interessei por desenho e artes visuais, desde muito novo. Mesmo antes de aprender a ler eu já rabiscava. Tive contato bem cedo com revistas em quadrinhos, e também publicações de arte fantástica, como a Heavy Metal Magazine, por exemplo. Eu me impressionava muito com aquelas imagens... Artistas como o H.R. Giger, Gerald Brom, Luis Royo, Frazetta, Beksinski, etc., foram os que mais me motivaram a começar a me aventurar nisso.

HELL DIVINE: Hoje em dia, temos uma tecnologia inacreditável para nos ajudar, e na arte não é diferente. Como você curte criar suas artes?

RAFAEL TAVARES: Antigamente, eu fazia o layout à mão, depois jogava no Photoshop e pintava por cima. Foi assim em trabalhos mais antigos, como o "Obesidade Mórbida" e "Impaling the Christian Race", por exemplo. No entanto, hoje em dia, eu produzo tudo direto na mídia digital mesmo, desde o primeiro rascunho até a pintura.

HELL DIVINE: Ao trabalhar com bandas de renome nacional como Queiron, Occultan, The Ordher, você segue exatamente o que eles pedem ou sempre tenta dar um conselho ou outro para ter um resultado melhor?

RAFAEL TAVARES: Na maioria das vezes, quando me procuram, o cliente ou a banda me passa apenas um conceito, ou o nome do álbum e eu desenvolvo algo a partir disso. Eu prefiro trabalhar assim mais que quando me passam uma ideia já pronta, pois nem sempre é algo que tem um resultado visual e estético interessante. Se o trabalho tem já um conceito muito pré-definido, eu tento adaptar uma coisa ou outra. Acredito que uma das partes mais importantes do trabalho de um artista é justamente o processo de criação também, não só a execução.

HELL DIVINE: Em seu processo de criação, você procura inspiração em que tipo de artista?

RAFAEL TAVARES: Além dos que eu já citei anteriormente, gosto muito de artistas como Jon Zig, Daniel Corcuera, Wes Benscoter, Chet Zar. Além disso, gosto muito de cinema de horror e da estética por trás disso, o que influencia bastante também no meu processo de criação.





HELL DIVINE: Qual o tipo de material que você gosta de usar em sua arte e que programas você pode dizer que mais te ajudam no trabalho?

RAFAEL TAVARES: Como eu comentei, hoje em dia, eu produzo tudo no computador. Eu uso o Photoshop e uma mesa digital da Wacom. Para quem tem curiosidade de como funciona, o processo é o mesmo de uma pintura tradicional, utilizo um brush (pincel, em tradução livre) básico para modelagem, depois outro para misturar as pinceladas, simular texturas, etc. Antes de partir para a mídia digital, eu já me aventurava um bocado nos processos artesanais, o que muda é mais a plataforma, mas a técnica é basicamente a mesma. A diferença é que é possível chegar ao resultado desejado muito mais rápido, é mais fácil corrigir imperfeições, fazer retoques etc.



HELL DIVINE: Quando você começa uma arte, você já tem mais ou menos uma ideia do que ela será e para quem ela seria interessante, ou você curte deixar as ideias fluírem e ver até aonde elas podem chegar?

RAFAEL TAVARES: Varia muito, mas na maior parte das vezes a coisa só começa a fluir mesmo depois que eu sento e começo a rabiscar algo.

HELL DIVINE: Vendo suas artes, percebi muita coisa soturna, tons de cinza e negro, grafite e coisas do tipo. Você algum dia procura se diferenciar disso ou não, prefere manter-se ligado a suas origens?

RAFAEL TAVARES: Na verdade, tenho me interessado cada vez mais em compor com tons mais monocromáticos, entre o cinza e sépia. Se reparar bem, alguns dos meus trabalhos mais antigos tinham cores mais fortes, coisa que fui deixando de lado com o tempo.

HELL DIVINE: Rafael, muito obrigado pelo seu tempo e deixe aqui um recado para a equipe e todos que leem a HELL DIVINE.

RAFAEL TAVARES: Eu é que agradeço! Quem quiser conhecer um pouco mais do meu trabalho, pode acessar o site www.rafael-tavares.com. Um abraço e até a próxima!

Por Augusto Hunter.



ESPECIAL 20 ANOS



Black Sabbath
“Dehumanizer”

Para muitos, a fase com Ronnie James Dio foi a melhor que o Sabbath já teve. Para outros tantos, apenas três discos excelentes, mas que não se comparam com a passagem de Ozzy. Discussões à parte, a entrada de Dio deu um gás enorme para Tony Iommi, que, até então, vinha acompanhado do injustiçado Tony Martin e lançando discos que, embora sejam excelentes, não estavam chamando tanta atenção. O peso descomunal de “Dehumanizer”, aliado à voz potente e inspirada de Dio, serviu para colocar o Sabbath de volta aos holofotes, mostrando que o tempo não tirou a inspiração dos mestres. Acompanhando Dio e Iommi estavam Vinny Appice, com sua pegada animalésca na bateria, e Geezer Butler, com suas linhas de baixo marcantes e únicas, imprimindo todo o peso necessário e não esquecendo Geoff Nicholls (teclado). Inicialmente, Cozy Powell tocava no álbum, mas acabou registrando apenas algumas demos no Rich Bitch Studios, em Birmingham. As letras, como não poderiam deixar de ser, tratavam de assuntos nada românticos, abordando temas relacionados ao tele-evangelismo e a forma como os computadores estavam se tornando uma espécie de deuses. Visionários, no mínimo! As dez faixas do track list normal acabaram conquistando não apenas os fãs do velho Sabbath, mas uma nova geração que despontava no início da década. Soando bem diferente dos clássicos “Heaven and Hell” e “Mob Rules”, “Dehumanizer” não poupa em sentar o braço sem dó nem piedade em cada batida ou riff, começando pela variada e densa “Computer God”, dotada de um clima único, que lá pelas tantas fica mais calma, destacando a linda voz de Dio, finalizando com uma velocidade empolgante e riffs devastadores. Nada mal como abertura do disco! Na sequência, “After All (The Dead)” nos brinda com aquele clima doom que só o Sabbath consegue fazer, tendo nos riffs de Iommi a condução perfeita para tal. As aceleradas “TV Crimes”, “Time Machine” e “I” são destaques absolutos, em performances individuais dignas de enaltecimentos efusivos, numa agressividade sem limites para os padrões “sabbáticos”. Com o sucesso do disco, que chegou à 44ª posição na Billboard, o Sabbath fez uma turnê que passou pelo Brasil, com shows em São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre. “Letters from Earth”, “Masters of Insanity”, “Sins of the Father”, “Too Late” e “Buried Alive” completam de forma perfeita este que é um dos grandes clássicos da década de 90 e do Metal em geral, marcando mais uma fase que findava com a saída de Dio devido às conhecidas desavenças por causa de Ozzy. Esta formação só voltaria a se reunir, em 2007, resultando no disco ao vivo “Live from Radio City Music Hall” e, posteriormente, em “The Devil You Know”, álbum de estúdio lançado, em 2009, ambos já com o nome de Heavy and Hell. Infelizmente, Dio foi diagnosticado com câncer e veio a falecer, em maio de 2010, deixando toda comunidade Metal de luto eterno.

Por Maicon Leite.



Blind Guardian
“Somewhere Far Beyond”

Falar de bandas clássicas não é uma tarefa tão simples como parece! Muitos continuam idolatrando todo o material, velho e novo, outros sempre vão preferir os mais antigos, alguns só conhecem os mais novos, e assim vai. Independente disso, sempre vale lembrar partes da carreira dessas bandas e, nesse caso, lembraremos o quarto álbum de estúdio do Blind Guardian: “Somewhere Far Beyond”. Não dá para negar que a banda sempre manteve a linha lírica baseada em livros e temas épicos e, nesse álbum, a ideia continua a mesma. Porém, eles nunca pararam em sua evolução musical, não no sentido de algo melhor ou pior, mais rápido ou mais Heavy, mas sim de construir uma sonoridade própria e esse álbum é um marco nesse sentido, pois elementos mais sinfônicos e a presença de teclados recheiam grande parte das composições. Para provar que estavam mantendo a rapidez em suas composições, a sequência da abertura simplesmente é destruidora com dois clássicos eternos da banda, “Time What is Time” e “Journey Through the Dark”, que, até hoje, ainda aparecem em alguns shows. Apesar de músicas mais cadenciadas como “Ashes to Ashes” e “Quest for Tanelorn”, a solo piano/vocal “Black Chamber” em uma bela interpretação de Hansi Kürsch no vocal e a muito bem trabalhada e sinfônica “Theatre of Pain” que, indiscutivelmente, são ótimas composições, falar desse álbum é lembrar de talvez o maior clássico da banda, ou, ao menos, o mais cantado nos shows: “The Bard’s Song – In the Forest”, que não falta nos concertos e garantem belos momentos nos corais unissonos. Mas não param na sequência “barda” e embalam com “The Bard’s Song – The Hobbit”, que não é interpretada em shows, mas é bem interessante. Para fechar uma obra dessas, com a clássica introdução instrumental de gaitas de fole, “The Piper’s Calling”, eles nos presenteariam com a lendária música que leva o nome do álbum, “Somewhere Far Beyond” que continuará atravessando gerações sem discussão alguma como um dos grandes álbuns do Heavy Metal. Ainda há três faixas bônus com covers do Queen, “Spread Your Wings” e da banda inglesa Satan com a música “Trial by Fire”, além da versão orquestrada de “Theatre of Pain”, mostrando as claras influências da banda e um pouco do caminho que o Blind Guardian seguiria. Se é ou não o melhor álbum da banda, deixo para as intermináveis discussões de boteco, mas que foi um álbum recheado de obras e clássicos do Metal, é indiscutível!

Por Cupim Lombardi.

Metal brasileiro – Clássicos atemporais – Parte 3

Nesta terceira parte do especial sobre o Metal brasileiro, abordaremos de forma bem clara e sucinta mais quatro clássicos indispensáveis dos anos 80 e 90, sendo eles itens obrigatórios em qualquer coleção que se preze. O Thrash e Death Metal brasileiro na década de 80 deram seus primeiros passos com uma série de bandas, porém apenas algumas conseguiram se destacar a ponto de conquistar o exterior, como o Sepultura. Entretanto, em detrimento do próprio Sepultura ter dito em uma entrevista a uma TV gringa que só havia eles no Brasil, muitas portas parecem ter se fechado para a grande massa, mas o verdadeiro underground provou que Max foi infeliz em sua colocação. Panic, Mutilator, MX e Attomica comprovam toda a qualidade encontrada por aqui, independente do quesito técnico de alguma produção. O poder destes grupos estava em sua força de vontade em querer mostrar suas músicas e fazer seus shows, o que acabou tornando-os verdadeiros pioneiros do Metal nacional e diante de todas as adversidades possíveis, alcançaram seus objetivos e hoje são cultuados pela velha e nova geração. Algumas destas bandas continuam na ativa, seja fazendo shows ou lançando CDs, como é o caso da volta do MX aos palcos e do Attomica com seu novo disco. Até a próxima!

PANIC

“Rotten Church”

1987

Quem diria que mesmo “longe demais das capitais” alguém poderia fazer tanto barulho? Pois é, de Porto Alegre veio o Panic, anteriormente batizados como Massacre e Tormentor. Com o apoio do chefe Ademir, da clássica loja Megaforce, a banda conseguiu contrato com a Woodstock Discos de Walcir Chalas. Gravado em 85, mas somente lançado em 87, “Rotten Church” marca pela agressividade imposta e pela crueza das composições, algumas delas se tornando verdadeiros hinos, como “Empire of Violence”, “Satan Shall Return” e “God’s Death”, absurdamente extremas para a época. Uma das composições, “F.O.D. (Fuck or Die)” não possui nem 30 segundos, antecipando muito do que seria feito no Brasil em termos de Grindcore. Animaresco!



MUTILATOR

“Into the Strange”

1988

Após a calmaria da intro “Raise the Strange”, com seus dedilhados acústicos, a porrada corre solta através de mais sete faixas, em performance arrebatadora deste grupo mineiro, que havia debutado um ano antes com outro clássico de respeito, “Immortal Force”. Alexander “Magoo” (guitarra/vocal – falecido em 2001), C.M. (guitarra), Kleber (baixo) e Armando (bateria) estavam entre os principais nomes da Cogumelo Rec., e não era pra menos, sua sonoridade pesada e agressiva cativava os headbangers de norte a sul, em igual sintonia. “Vanishing in the Haze”,



“Greetings (To the Deads)”, “Lost Words”, “Fighting in the Past”, “Into the Strange”, “Five Minutes Beyond the Walls” e “A Place to Go” marcaram época, bem como sua capa, simples e enigmática. Houve uma tentativa de retorno em 2001, mas a morte de “Magoo” interrompeu este processo, restando aos fãs recorrerem aos antigos registros para matarem a saudade.

MX

“Simoniactal”

1988

Oriundos do ABC Paulista, Décio Fignani (guitarra), Morto (guitarra/vocal), Eduardo (baixo) e Alexandre Cunha (bateria/vocal) conseguiram obter uma sonoridade bem própria para seu Thrash Metal empolgante e agressivo. Em entrevista para a Hell Divine, o baterista confirma nossa tese: “Aquele tipo de Thrash Metal era bem nosso, não se parecia com nenhuma banda especificamente, tinha de tudo que gostávamos ali, acho que conseguimos fazer um disco agressivo sem ser repetitivo, não se parecia com nada descaradamente, era o MX!”. Até chegar a este debut, a banda lançou duas demos e participaram da clássica coletânea “Headthrashers Live”, ao lado das bandas Necromancia, Blasphemer e Cova, galgando aos poucos seu lugar de destaque na cena nacional. “Dirty Bitch” abre o play de forma brutal, e até hoje é reverenciada, bem como “Fighting the Bastards” e “Satanic Noise”. Se houvesse uma votação para escolher os 10 melhores álbuns de Thrash brasileiros e “Simoniactal” estivesse entre as opções, com certeza teria meu voto.



ATTOMICA

“Disturbing the Noise”

1991

Em seu terceiro disco o Attomica estava em “ponto de bala” tamanha a desenvoltura que caracterizava suas músicas, resultado notório de sua plena evolução musical. Se “Attomica” e “Limits of Insanity” já haviam apresentado um Thrash Metal rápido, pesado e agressivo, “Disturbing the Noise” simplesmente enalteceu todas as qualidades e adjetivos envoltos em sua sonoridade, agregando para si uma quantidade admirável de seguidores. “Ways of Death”, “The Chainsaw”, “Deathraiser”, “Violence and Terror”, “Blood”, “From Beyond” e “Forbidden Hate” exalavam fúria através dos riffs e solos cortantes de J.P. Francis e J.M. Francis, da cozinha pesada e consistente de André Rod (baixo) e Márcio Sanefuji (bateria) e dos vocais marcantes de Fábio Moreira (ex-Thor). Um registro histórico, sem sombra de dúvidas!



Por Maicon Leite.

Art Spell

ARTES PARA CD/DVD



WEBSITES COM CONTEÚDO GERENCIÁVEL



LOGOTIPOS | CARTAZES MYSPEACE | FOTOS PROMOCIONAIS



WWW.ARTSPELL.COM.BR

MORE GORE THAN BEFORE 7

Taverna Snooker Bar – Várzea Paulista/SP

Data: 10/11/2012

Texto e fotos: Christiano K.O.D.A.

Colaboração: Thales Gory, Erik Muller Thurm e Stanley Bilatto

Dezenas de pessoas sedentas por barulho se reuniram em um dos festivais de maior prestígio no underground do estado de São Paulo, quicá nacional. Como o evento foi longo, melhor ir direto ao assunto. Devido a compromissos inadiáveis, cheguei tarde e acabei perdendo as duas primeiras bandas, Lama Negra e Purulento. Mas na obrigação de informar, corri atrás de fontes confiáveis para conseguir informações. O Lama Negra, executando um Hardcore/Thrash Metal, fez um set muito bom, pesado e coeso. Abriam o festival com muita presença de palco, sendo que a excelente qualidade do som já deixou boas impressões de que tudo seria demais. Em seguida, o Purulento surgiu com seu Grindcore insano e um vocalista que não parava de pular no palco, além de guitarras ensurdecadoras e, de maneira geral, uma presença de palco muito boa. Foi a vez então do Macgyver the Animal, banda que agitou muito, deixar boas impressões com seu Grind quebrado e extremo. Tudo certinho, bem executado e empolgante. E o Homicide, lançando seu debut, destruiu as estruturas com um Grind violento e muito bem feito! Com um desempenho memorável e presença de palco forte, os caras mandaram bem e arrancaram berros do público. Logo após, chegou a hora de um Goregrind ensurdecador invadir o palco do More Gore than Before: o M.D.K. mostrou intimidade e competência com o ruído e simplesmente detonou em sua apresentação. É curioso que, mesmo sem um baixo, eles conseguem soar realmente pesados e extremos. Que timbre e que afinação de

guitarra! As alternâncias entre os vocalistas também marcaram o grande show do trio. Matadores! Foi bastante aplaudida, merecidamente. O Goregrind continuou maldito com um dos grandes expoentes do estilo no Brasil atualmente, o Crunch Delights. Os caras justificaram a fama e foram perfeitos no palco, “causando” muitos moshes. No final, improvisaram uma jam chamando o pessoal da plateia para urrar junto. Um show para não se esquecer. E conquistando respeito no festival, o Necrorising abriu seu set com o cover de “Genital Grinder”, do Carcass, e mandou ver no seu Goregrind com vocais abarrotados de efeitos. O grupo ainda mandou outro cover, “Boneyard”, do Impetigo, e agradou. Depois, outra lenda do Grind nacional fez os presentes irem ao delírio: o Expurgo demoliu o lugar, com moshes mais violentos e muita empolgação por parte dos músicos. Elétrico, o vocalista interagia bastante com o público e invadia a plateia constantemente. O Syphilitic Abortion também abusou dos efeitos no vocal e fez um set competente, cumprindo missão de manter o alto nível do festival. Chamaram a atenção o vocalista usando uma máscara, o baterista dividindo as vozes e o baixista, que tocava e agitava de um jeito bem peculiar, dando a impressão de que seu instrumento estava sem a correia. Os moshes diminuíram porque os presentes ficaram mais atentos à apresentação do conjunto. Saindo um pouco do Grind e Goregrind, foi a vez do Corporate Death destilar, como o nome da banda já entrega, um Death Metal poderoso. Os integrantes também mandaram bem, com

altas doses de entrosamento. O destaque ficou para o baterista, cheio de técnica e velocidade, fazendo com que as composições do grupo parecessem fáceis. Na sequência, apesar da demora para o início do show, uma ótima revelação do underground, o Le Mars, que fez uma apresentação curta, mas espetacular. Um Grindcore extremamente criativo, de primeiríssima. Uma das melhores do evento. Depois de tanta pancadaria sonora, era a hora da maior lenda do Grindgore mundial subir ao palco. O Dead Infection, que estava sem baixista – o guitarrista/vocalista Pier cie usou efeito que simulava uma e duas guitarras para dar mais peso –, focou seu repertório nos grandes clássicos de sua carreira, como os excelentes “Poppy-seed Cake”, “After Accident” e “Rich Zombie”, entre outras. Uma pena que “Maggots in Your Flesh” ficou somente na ameaça – tocaram apenas o seu começo – mas nada tirou o brilho do show. Enquanto tocavam, as rodas ficavam cada vez maiores e agressivas. E, finalizando o set relativamente curto, a matadora “From the Anatomical Deeps”. Não há dúvidas de que os sobreviventes da sétima edição do More Gore than Before consideram o evento inesquecível. De verdade. Uma pena a folclórica banda New York Against the Belzebu não ter tocado, mas os outros conjuntos, certamente, compensaram essa ausência. E vale registrar mais uma vez a qualidade do som bem como a organização, realmente muito boas! Merece menção e muitas congratulações o responsável pelo festival, Thales Gory, que fez a alegria de muitos fãs de música extrema. Falta muito para o More Gore than Before 8?



KREATOR, MORBID ANGEL, NILE, FUELED BY FIRE

Local: Antwerp, Bélgica

Data: 1º/11/2012

Texto: Cupim Lombardi

Fotos: Divulgação



Sempre lemos algo ou vemos turnês diferenciadas pelos solos do velho continente ou mesmo pela América do Norte e sempre fica aquele gostinho de poder presenciar algo assim, com preço acessível e também para ver se eles vão falar que ali é “o melhor público do mundo” como eles falam para nós no Brasil! Bom, garanto que só a primeira especulação procede e, dessa vez, pude presenciar o primeiro show de uma sequência de 42, que passará por 20 países juntando simplesmente Kreator, Morbid Angel, Nile e Fueled by Fire.

O concerto ocorreu em Atwerp, na Bélgica, com casa lotada de headbangers entusiasmados e cerveja barata, o que é importante. O som do local foi muito bom para todas as bandas e cada uma tocou com a sua bateria, visto só ter gigante tocando este instrumento.

Para abrir a noite, por volta das seis e pouco da tarde, o Fueled By Fire veio trazer um show bem energético, com ótima presença de palco de seus

integrantes, agitando bastante e chamando o público – que também correspondeu ao som coeso e maduro da banda. Os thrashers californianos, que fazem um som bem na linha Thrash oitentista, sem muita novidade, mas muito forte, não deixaram ninguém ficar sem ao menos balançar a cabeça, além, claro, do aquecimento no bate-cabeça.

Isso foi só a deixa para a destruição que viria com o Nile, esses gigantes do Death Metal norte-americano que dispensam apresentações. Com muita humildade, eles fizeram uma senhora apresentação! O guitarrista e também vocal Karl Sanders, sempre muito simpático, e o vocalista principal e guitarrista Dallas Toler-Wad fazendo caretas insanas enquanto canta, trouxeram o tom da divulgação de seu último álbum “At the gates of Sethu”, abrindo com a música “Kafir”, do aclamado álbum “Those Whom the Gods Detest”. Mas não deixaram de entoar clássicos como “Sarcophagus” e “Black Seeds Of Vengeance”. Como era de se esperar, um show bem técnico (imaginem o baterista/máquina George Kollias ao vivo!) e extremo para mostrar porque eles estão dividindo esta turnê com estes gigantes do metal.

Como eu nunca havia visto um show do Morbid Angel, estava numa expectativa de criança para ver essas lendas ao vivo. Após mais uma retirada de bateria e uma rápida passagem de som, os caras simplesmente abrem o show com a sequência “Immortal Rites”, “Fall from Grace” e “Rapture” para mostrar a que vieram e porque fariam os concertos desta turnê tocando só clássicos, como anunciaram. Deram uma pausa e, como o próprio frontman David Vincent (vocal e baixo) anunciou, “para os da old e new school”, tocaram “Existo vulgoré” e “Nevermore” do último álbum que, apesar da desconfiança, ficou muito bem ao vivo. Depois “só” mais uma sequência do clássico “Altars of Madness” com as músicas “Lord Of All Fevers & Plague” e “Chapel of Ghouls” e não poderia faltar

as destruidoras “Where the Slime Live” e “God of Emptiness” sempre fechando seus shows. Sem mais comentários!

Após tal destruição, fecharam a cortina para a montagem da novidade desta turnê, que seria a primeira em que o Kreator montaria um palco 3D na Europa, o que quis dizer alguns dos personagens da capa do último álbum em forma de bonecos no palco. Ver o Kreator num palco desses já é algo que surpreende, ainda mais com a sequência de brutalidade com as músicas que abrem o último trabalho “Phantom Antichrist”, “From Flood into Fire” e a destruidora “Enemy of God”. Falar de show deles é falar de clássicos e eles nunca deixam a desejar ao entoar “Extreme Aggression”, “People of the Lie”, “Endless Pain” e “Pleasure to Kill” praticamente na sequência!

Do último trabalho, tocaram as ótimas “Civilization Collapse”, “Death to the World” e “United in Hate”, mas como não poderiam deixar de lado, destruíram nossos ouvidos com “Violent Revolution”, “Betrayal”, “Flag of Hate” e “Tormentor”. Com o palco montado para eles, percorrendo toda a estrutura o tempo inteiro, os veteranos apenas nos mostram que quando o assunto é destruição, podem colocar nos patamares mais altos, pois realmente chamam a responsabilidade para todos continuarem entoando a “bandeira do ódio”, unidos e ajudando uns aos outros, como sempre coloca Mille Petrozza (vocal e guitarra) em seus discursos.

Experiência f***, ao lado de bons amigos e não dá para deixar de destacar a estrutura local, onde o som foi ótimo durante toda a noite, tinha acesso a cadeirantes – algo que ainda não encontrei no Brasil – mas que, tirando isso, não deixou nada a desejar a nossas casas de show, a não ser oferecer esses giros com bandas destacadas e com preços acessíveis. Continuaremos nos perguntando por que não rolam esses shows por aqui!





ANIMAL HOUSE

O Animal House é uma tremenda banda de Hard n'Heavy Paranaense bem diferente e experimentalista, já que os caras vêm com fortes influências de Black Label Society a Lamb Of God, Chrome Division, Southern Rock e Motley Crue, ou seja, uma junção um tanto "selvagem", mas que resultou em um som incrível em seu registro, "First Blood". Esse disco contém nove faixas e, entrando em contato com os caras, qualquer um consegue uma cópia do registro, que vale muito a pena ouvir. Animal House, prometendo bastante, ouçam pessoas!

Contato:

Blog oficial: www.animalhouseofficial.blogspot.com

Facebook: <http://www.facebook.com/pages/Animal-House/276001319124057>

Twitter: https://twitter.com/#!/animal_house1



INNOCENCE LOST

O Prog Metal carioca revela mais um belo nome para o cenário nacional. Com uma vocalista incrível e um instrumental impecável, o Innocence Lost merece toda a atenção necessária, pois no meio de uma cena mais tendenciosa ao extremo, eles vêm com uma proposta completamente aversa, fazendo um som técnico e sem ser chato ou cansativo, com um bom gosto em composições e andamentos. Tenho certeza que se a banda continuar no caminho do seu primeiro EP "Human Reason", eles têm todas as chances de crescerem no cenário Nacional e mostrar porque temos grandes bandas no Brasil e tenho orgulho disso.

Contatos:

ReverbNation: <http://www.reverbNation.com/innocencelostbr>

Myspace: <http://www.myspace.com/innocencelostbrasil>

Facebook: <https://www.facebook.com/InnocenceLostBr>



P.R.O.L.

O Hardcore carioca sendo bem representado por essa incrível banda carioca, o P.R.O.L. (Pensamento Respeito e Orgulho Latino), que existe desde 2005 e vem lutando por um espaço no cenário. A banda tem letras que tratam de união, respeito, amizade e descaso político. Eles fazem um Hardcore bem

forte e presente. Os caras, nesse ano, abriram o show do Agnostic Front, feito que tem de ser comemorado sempre, pois é uma das bandas mais clássicas no cenário mundial do Punk/Hardcore e eles foram os escolhidos. Respeito ao som dos caras e ouçam "Resistência", CD demo deles lançado, em 2010, coisa fina.

Contato:

Facebook: <https://www.facebook.com/banda.prol>

Myspace: www.myspace.com/bandaprol



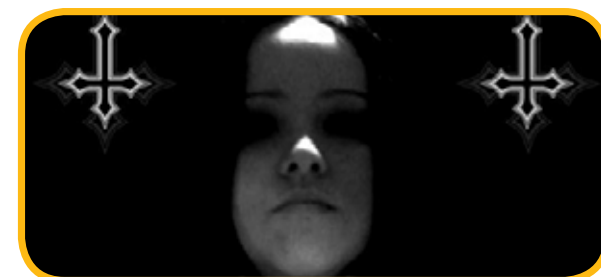
LOCH NESS

Iniciando de forma bem modesta com o single "Black Kingdom", a banda Loch Ness da Indonésia resgata as antigas tradições pagãs da sua pátria em seu trabalho. O quinteto apresenta uma formação tradicional, fazendo um excelente trabalho por meio da Bumi Records. Para os mais chatos que acham que ouvir Black Metal em francês já é o cúmulo, não se preocupem. As letras – na verdade, a única até o momento – são cantadas em inglês, e não em indonésio. Mas como a maioria de vocês, felizmente, não discrimina povo, raça, cultura ou idioma nesse ou em qualquer outro estilo musical, confirmam a banda, independente do rumo que ela tome a partir daqui, pois, com certeza, vale a pena.

Mais detalhes:

<http://www.facebook.com/pages/LOCH-NESS/285157224880073>

<http://www.reverbNation.com/lochnessblackmetal>



KHAOTIC

A ilustre guitarrista do Ocultan Lady Of Blood – aqui conhecida como D. Profaner – iniciou oficialmente seu projeto solo Khaotic, com a demo "Antichrist Propaganda", lançada em outubro. Uma demo muito bem produzida de aproximadamente meia hora, o que faz sentido, afinal se trata de uma artista com bastante experiência no quesito Black Metal. Desta vez, não é a Pazuzu Records que leva mérito como selo, mas a Pagan War Distro. Quem é fã de Ocultan, com certeza, vai querer conferir esse novo trabalho, e quem não é, não seja cabeça dura de julgar. Ao menos confira o novo projeto. Se você não gosta de Ocultan, pode achar Khaotic ótimo.

Mais detalhes:

<https://www.facebook.com/khaotic.br>

<http://www.myspace.com/khaotic.br>

Por Yuri Azaghal e Augusto Hunter.



Nessa essa edição, estou abordando um assunto que de engraçado não tem nada e, sim, de irritante. Aqui vai meu alerta para os perigos de um dos comportamentos mais estúpidos e sem sentido que o ser humano pode manifestar. Evite-o, e sua vida vai ficar muito melhor. Isso eu posso garantir.

Pequenos Pavões de Bicos Eretos

Antigamente, a arrogância era uma característica padrão na maioria dos artistas, principalmente nos mais estrelinhas – certo, ainda temos alguns nomes como Axl Rose e um sujeito bem conhecido dentro do Big Four que fazem essa "fama" durar até hoje, mas esse não é o caso. Mas, hoje em dia, essa característica, apesar de continuar dentro do metal, mudou de lado. Conforme os músicos e bandas vão se tornando cada vez mais humildes e amigáveis, o "resto" não. E entenda desse "resto" como todo o resto mesmo. Vendedores, produtores, fãs, blogueiros, etc. Eu já mencionei antes as meninas que compram roupas na galeria e vão "desfilar" pelos corredores torcendo para que todos olhem para elas, e os caras que se fecham em seus grupinhos com aquela atitude "somos bons pra c*r*lh*" nos shows e não olham na cara de ninguém. Mas agora temos donos de blogs, vendedores e produtores que acham que se tornaram algum tipo de deus da mitologia só porque foram bem sucedidos em algo que fizeram – e que, sinceramente, muita gente pode fazer o mesmo com um pouco de vontade e paciência. Por exemplo, um dos meus amigos que, por sinal, é um sujeito incrivelmente experiente em publicidade dentro do metal, foi impedido de fazer a cobertura de um show com duas bandas bem conceituadas na esfera do Death Metal e o produtor responsável disse de forma bem arrogante a ele algo como "já temos alguém melhor para cobrir o evento". Lembro também de uma vez em que nós da revista fomos contatados por um pessoal do nordeste que queria fazer uma parceria conosco e o primeiro e-mail foi bem xucro. Não me lembro exatamente do que estava escrito, mas a

mensagem era "Sim, nós estamos fazendo o grande favor de permitir que vocês da Hell Divine façam uma parceria conosco. É agora ou nunca". Eu, honestamente, não sei o que essa gente ganha com essa atitude de m*r*d*, sendo que isso apenas afasta as pessoas e contribui para o mau desenvolvimento da cena. E o pior de tudo é que elas se sentem no direito de reclamar, sendo que elas são a causa da maioria dos problemas. Reclamam, principalmente, que as pessoas não se interessam mais por material físico ou mesmo zines, blogs e revistas. Eu concordo que a geração de hoje é composta por uma molecada medíocre que só não tem preguiça de ler comentários do Facebook e fazer download de mp3, mas, por outro lado, a petulância nojenta de alguns acaba afastando os poucos interessados que ainda restam. Alguns vendedores não são lá muito simpáticos, por assim dizer. Claro, nada contra o cara não ser muito sociável, pois ser obrigado a ser sociável é um saco mesmo, mas também creio que não precisa fazer aquela cara de "saia daqui, não preciso do seu dinheiro imundo" sempre que alguém entra na loja para ver algum produto. A verdade é que tudo isso acontece por causa de uma coisa só: O ser humano é uma criatura cretina porque ele tem ego, e tudo que se faz na vida é feito com a intenção de encher o ego, mesmo aquilo que elas dizem fazer primeiramente pela paixão. O dia que as pessoas forem capazes de mudar essa atitude, tudo vai melhorar no mundo – não só dentro do metal. Se vocês duvidam, experimentem. Comecem a fazer as coisas pela satisfação pessoal em vez de buscarem reconhecimento desesperadamente. Tornem-se mais humildes, e lembrem-se o tempo todo que vocês são humanos, e vão continuar sendo humanos, não importa o que façam. Vocês verão que a humildade é satisfatória e traz muita paz de espírito, enquanto a arrogância só torna vocês cegos e medíocres.

Por Yuri Azaghal.



VERSUS MAGAZINE
METAL ONLINE MYSpace.COM/VERSUSMAGAZINE

PORTAL DO INFERNO

Do Rock 'n' Roll ao Metal Extremo

www.portaldoinferno.com.br

Sepulcrum



Aborted



Anaal Nathrakh



Ulver

O melhor que o EXTREMO e o DARK
tem a oferecer
com os MELHORES preços

sepulcrum.com.br



Darkthrone



Luxúria de Lillith



Arkenstone

contato@sepulcrum.com

TUMBA
Productions

[24/01]

18HS



LOCAL: HANGAR 110 (R. RODOLFO MIRANDA, 110) | INGRESSOS: 50 (ESTUDANTE) 70 (PROMOCIONAL) 100 (INTEIRO)

PONTOS DE VENDA: GALERIA DO ROCK (HELLION & PARANOID) | INFORMAÇÃO: WWW.MYSPACE.COM/TUMBAPROD

HELL DIVINE
ONLINE METAL MAGAZINE

Por *Lauro Nightrealm*
templeofarts.ds@gmail.com

PORTAL DO INFERNO
Do Rock 'n' Roll ao Metal Extremo
www.portaldoinferno.com.br



GO TO HELL!

HELL DIVINE
ONLINE METAL MAGAZINE

O METAL ESTÁ AQUI.
www.helldivine.com